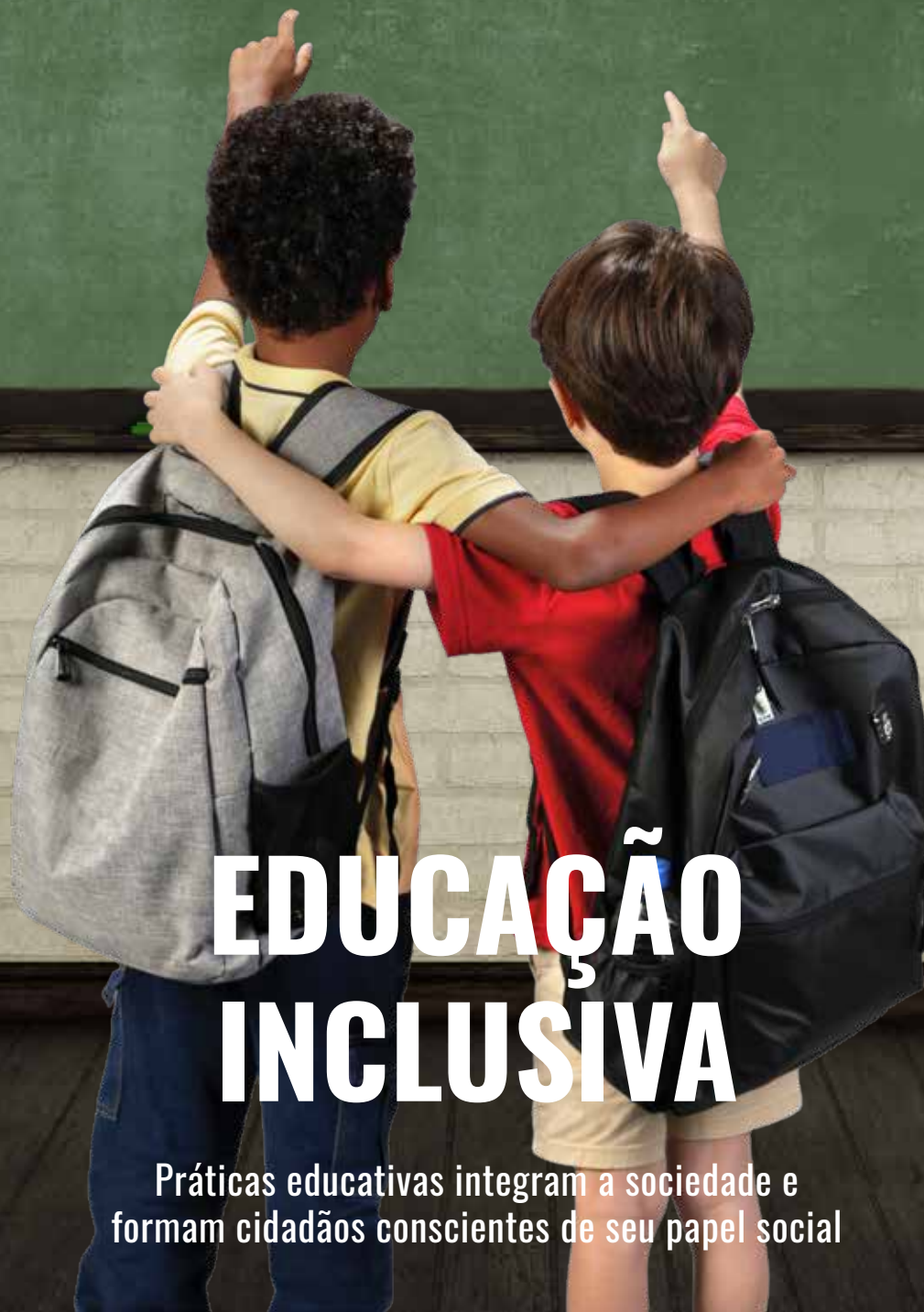


# BUZZ

REVISTA



## EDUCAÇÃO & INCLUSIVA

Práticas educativas integram a sociedade e formam cidadãos conscientes de seu papel social

u n i v e r s i d a d e

fullores



INFINITOS  
MOTIVOS.

# Jornalismo unaerp

**4 Estrelas no Estadão**

Guia da Faculdade 2023

**3º melhor curso**

do estado de São Paulo

**10º melhor curso do Brasil**

(CPC/ENADE/MEC 2018)

**50 anos de tradição,**

qualidade e inovação

**Corpo docente 100%**

formado por doutores e mestres

**Projetos práticos definidos e**

orientados para públicos reais

**O melhor e mais completo  
de toda a região**

O curso de Jornalismo da UNAERP oferece infinitas possibilidades para você crescer na carreira nas diversas áreas de atuação, com aulas práticas desde a primeira etapa e metodologia de ensino forte e atual. É o mais reconhecido curso de Ribeirão Preto e região, comprovado por formar profissionais capacitados para atuar nos principais centros do país.



SAIBA MAIS  
E INSCREVA-SE  
[unaerp.br/vestibular](http://unaerp.br/vestibular)

**ACESSE UNAERP.BR E INSCREVA-SE**  
UTILIZE SUA NOTA DO ENEM OU  
FAÇA PROVA DE REDAÇÃO AGENDADA



**100**  
A N O S  
1924 • 2024



# O EMOCIONAL DOS ALUNOS



**MARIA VITÓRIA  
TRINTIM**

A escola é um fator determinante da arquitetura humana, o lugar onde as crianças e os adolescentes passam a maior parte do tempo. É notável que muito se fala sobre o futuro das crianças e como a educação é a resposta certa para se alcançar o ideal perfeito de sociedade, mas, na prática, isso acontece? De acordo com dados divulgados em setembro de 2023 pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o investimento do Brasil no setor educacional é o terceiro pior entre os 42 países avaliados no relatório publicado. O País aplica apenas US\$2.981 por aluno, considerando todos os investimentos na educação pública, entre estudantes do ensino fundamental ao médio. Além de ficar abaixo da média da OCDE, que é de US\$10.510 por aluno, o Brasil fica na frente apenas do México e da África do Sul nesse parâmetro comparativo.

Além de ser um setor que possui pouco investimento quando comparado com os demais países, outras questões são ignoradas dentro deste contexto. É necessário discutir todos os ângulos de uma educação digna para as crianças e para os adolescentes, uma vez que não falta apenas investimento em equipamentos tecnológicos nas escolas ou a devida distribuição de materiais. É

preciso também debater as necessidades emocionais desses jovens. Cada dia o mundo se transforma, mas, muitas vezes, a educação não acompanha essas mudanças. Enfrentamos um mundo pós-pandemia, onde nos vimos obrigados a trabalhar e a estudar somente por uma tela. Agora, dois anos depois, muito se fala da necessidade dessas crianças e desses adolescentes saírem dessa mesma tela. Ainda há a dificuldade dos estudantes de se adaptarem aos ambientes escolares. A educação continua seguindo apenas um modelo, e deve-se ressaltar, modelo esse parado no Século 19, com suas fileiras e uma hierarquia estabelecida.

Em muitos lugares é possível encontrar frases motivacionais de como a educação é uma arma poderosa e libertadora, mas afinal, qual parte específica da educação? A financeira? A artística? Nenhuma dessas frases e discursos são capazes de apontar a verdadeira solução para a educação ideal, e até o fim deste artigo também não se encontrará uma, pois, a tal educação ideal não é uma receita de bolo. O que pode funcionar para cinco alunos, pode não funcionar para o resto da sala. É necessário entender profundamente o que cada estudante precisa, prepará-lo para a vida e não somente para a prova do próximo semestre, afinal, o objetivo deveria ser formar cidadãos e não máquinas que decoram fórmulas matemáticas ou regras gramaticais.

A revista Buzz traz em suas reportagens a educação como tema central, além de discussões e debates por ângulos pouco investigados, como a educação esportiva e a importância da inclusão de crianças neurodivergentes em ambientes educacionais. A questão é mais profunda e ampla do que simplesmente dizer que a educação é o futuro, baseando-se em um discurso raso e que não procura discutir as verdadeiras transformações que o sistema educacional precisa passar para que de fato, o futuro seja promissor.

## Expediente

**Buzz** – Revista Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp. Projeto Interdisciplinar da sexta etapa de graduação em Jornalismo.

Reitora da Universidade de Ribeirão Preto:

**Profa. Dra. Suzelei de Castro França**

Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão – Graduação:

**Profa. Sonia Maria Camargo dos Santos**

Coordenação do Curso de Jornalismo:

**Prof. Geraldo José Santiago**

Professores responsáveis:

**Murilo Pinheiro, Jefferson Barcellos e Paulo Apolinário**

Diagramação: **Gabriel Bordonal**

**Produção:** Alunos da sexta etapa do Curso de Jornalismo

## Repórteres /Fotógrafos:

ANA BEATRIZ FOGAÇA PEREIRA, ANA LAURA CARVALHO DE BARROS, ANDRÉ LEMES MERICE, ARTHUR DE MIRANDA SANTOS, ARTHUR DE LIMA BRUNELLO, EDUARDO NAZARÉ, EMANUELLE FERNANDES RAMOS, ENZO MATHEUS PIRES ALVES, JOÃO ANDRÉ DE OLIVEIRA GREGIO, KELVIN VENDITO DE SOUZA, KLÉBER SOARES FERNANDEES, LUCIMARA SATURNINO, MARIA ROSA LEMBI, MARIA VITÓRIA CEZÁRIO TRINTIM, MATHEUS DOS SANTOS, SUSANNA FIGUEIREDO NAZAR, VITÓRIA NOVENTA SOUSA

*O teor das matérias publicadas nesta revista é de responsabilidade dos autores, não representando, portanto, a opinião da instituição mantenedora.*

Impressão: **Maxicolor**

Distribuição: **Gratuita**

Versão digital: **jornalismounaerp.com.br**





**BUZZ**  
REVISTA

# ÍNDICE

ESCOLAS SEM PSICÓLOGO	<b>6</b>	<b><i>ANA BEATRIZ FOGAÇA</i></b>
EDUCAÇÃO FINANCEIRA	<b>8</b>	<b><i>ANA LAURA BARROS</i></b>
ROMPENDO BARREIRAS	<b>10</b>	<b><i>ANDRÉ MERICE</i></b>
EDUCAÇÃO E FINANÇAS NO TRABALHO	<b>12</b>	<b><i>ARTHUR SANTOS</i></b>
A SUPERAÇÃO PELO ESPORTE	<b>14</b>	<b><i>ARTHUR BRUNELLO</i></b>
A QUÍMICA DA EDUCAÇÃO	<b>16</b>	<b><i>EDUARDO NAZARÉ</i></b>
O DESAFIO INVISÍVEL	<b>18</b>	<b><i>MANU RAMOS</i></b>
O DESCAMINHO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	<b>20</b>	<b><i>ENZO PIRES</i></b>
UM CAMINHO SEM VOLTA	<b>24</b>	<b><i>JOÃO ANDRÉ GREGIO</i></b>
SE VIRANDO COM A MÚSICA	<b>26</b>	<b><i>KELVIN VENDITO</i></b>
A EDUCAÇÃO GASTRONÔMICA	<b>28</b>	<b><i>KLÉBER FERNANDEES</i></b>
UMA NOVA PROFISSÃO	<b>30</b>	<b><i>LUCIMARA SATURNINO</i></b>
REVOLUÇÃO DO APRENDIZADO	<b>32</b>	<b><i>MARIA REIS</i></b>
O PAPEL DA ESCOLA E O LUTO INFANTIL	<b>34</b>	<b><i>MARIA VITORIA</i></b>
VAGAS EM QUEDA	<b>36</b>	<b><i>MATHEUS HENRIQUE</i></b>
EDUCAR PARA TRANSFORMAR	<b>38</b>	<b><i>SUSANNA NAZAR</i></b>
CONECTANDO SABERES	<b>40</b>	<b><i>VITÓRIA NOVENTA</i></b>



**ANA BEATRIZ**

**FOGAÇA**

*repórter*

# ESCOLAS SEM PSICÓLOGO

*Apesar de muitos estudantes necessitarem de suporte emocional, as escolas públicas estaduais e municipais ainda não contam com o trabalho profissional e especializado dos psicólogos*



Falta de psicólogos prejudica o aprendizado dos alunos

Garantida pela lei nº 13.935/19, a presença de psicólogos nas escolas da rede pública do país não passa de uma letra morta. Em Ribeirão Preto, de acordo com o censo escolar de 2022, nenhuma escola da rede pública tinha psicólogo, na rede estadual e municipal, no ensino infantil, fundamental e médio. Já na rede privada, uma em cada cinco escolas possuía um profissional. Os dados do mesmo censo mostram que o número de profissionais dentro das instituições de ensino corresponde apenas a 0,05% dos estudantes matriculados, ou seja, menos de 0,1%. O número equivale a 24.434 psicólogos para 47,4 milhões de alunos do ensino básico.

Para os alunos de escola pública, a situação é ainda mais preocupante. Se fosse distribuído um psicólogo por unidade, pública e privada, o total de psicólogos preencheria apenas 13,7% das 178,3 mil escolas do Brasil. Enquanto uma escola particular pode ter até 10 profissionais da área, as públicas têm entre zero e um. As diferenças sociais e econômicas se mostram como fatores determinantes no acesso ao apoio psicológico.

“O impacto da falta de especialistas, como psicólogos e assistentes sociais já está posto historicamente. Estudos apontam para diferentes adversidades, tanto no que tange às relações interpessoais, aprendizagem, violência, entre outras. Esses profissionais, se estivessem diariamente nas escolas, poderiam trabalhar de diferentes formas”, avalia Luciana Carla dos Santos Elias, psicóloga e professora do departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A atual coordenadora de quatro escolas públicas de educação infantil em Sertãozinho, Ana Paula Ravaneli, atua na educação desde 1999 e acredita que a presença de um psicólogo traria benefícios ao processo de aprendizagem. “Não poder contar com um profissional de psicologia dentro da escola impacta de maneira significativa. Ter alguém no ambiente escolar que auxilia no diagnóstico e no encaminhamento das crianças com suspeita de dificuldades de aprendizagem para especialistas da área seria imprescindível”, observa a educadora.

O problema é nacional e ganhou destaque com os recentes ataques nas escolas do país nos últimos anos, mas a questão é estrutural.



Para Ana Paula Ravaneli, coordenadora de quatro escolas municipais de Sertãozinho, psicólogos ajudam a identificar distúrbios

“A cada ano, presenciamos uma crescente dificuldade em lidar com as questões emocionais das crianças e por extensão de suas famílias. Os professores são orientados a trabalharem no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, contudo, um profissional especializado em tal segmento daria o apoio necessário”, completa Ana Paula.

Com a falta de profissionais, os professores e gestores acabam assumindo esse papel. “Os professores precisam de direcionamento. Conhecer como o aluno aprende não basta, se ele não domina os conhecimentos de como lidar com questões emocionais que afetam diretamente o rendimento do estudante. Seria necessário dentro da escola um trabalho multidisciplinar”, explica a diretora. Na mesma linha de raciocínio está psicóloga Luceli Kelly de Oliveira Cardoso, professora do curso de psicologia na UNAERP. “O psicólogo trabalha em grupo e seu trabalho se insere em um conjunto dentro da escola. A equipe escolar é valiosa e importante”.

#### SUPORTE EMOCIONAL

A psicóloga e professora do Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo, Sílvia Domingos Barrera conta que o psicólogo escolar tem entre suas funções: orientação e dinâmicas com estudantes, professores e atendimento individualizado. Quando necessário, encaminhamento

para rede protetiva, realizar avaliação psicológica, entre outras. São inúmeras funções, que precisam de tempo para serem formuladas e colocadas em prática.

Para as escolas, o respaldo de um profissional especializado é fundamental. “Identificar o quanto antes distúrbios de comportamento e adequar estratégias para o trabalho pedagógico realizado pela escola seriam de extrema importância”, diz Ana Paula.

#### UM APOIO PARA AS FAMÍLIAS

É comum que os pais busquem por reforço nas escolas quando o filho apresenta dificuldades. No entanto, os educadores ficam, muitas vezes, sem ter como auxiliar esses pais e também as crianças. “Os pais sentem muita dificuldade para encontrar alguém confiável e com preço acessível. Ter profissionais disponíveis na escola facilitaria muito”, compartilha Leticia Amanda Pereira, mãe do Rafael de 4 anos que estuda no ensino público.

A presença do profissional nas escolas ajudaria inclusive na orientação dos pais. “Ter um psicólogo dentro da escola, além de facilitar o contato, contribuiria muito para o desenvolvimento da saúde mental da criança. Dentro do ambiente escolar, o profissional teria uma possibilidade maior de observar e nos auxiliar, trazendo tranquilidade e segurança”, finaliza Leticia.





**ANA LAURA**

**BARROS**

*repórter*



Ferramentas da internet democratizam o acesso ao conhecimento financeiro

# EDUCAÇÃO FINANCEIRA

*Quanto mais cedo as crianças aprendem sobre dinheiro e desenvolvem habilidades financeiras, mais bem preparadas estarão para tomar decisões financeiras ao longo de suas vidas*

A educação financeira nas escolas está se tornando uma realidade cada vez mais importante e necessária. Em um mundo em constante evolução, onde as decisões financeiras têm um impacto significativo na vida das pessoas. Preparar os jovens, desde cedo, para lidar com essas questões é fundamental. Recentemente, o governo de São Paulo anunciou uma reformulação do ensino médio no Estado para o ano letivo de 2024, incluindo a introdução da disciplina de educação financeira na grade curricular. Essa é uma medida importante que pode ter um impacto na forma como os alunos encaram o dinheiro e as finanças pessoais. A Secretaria de Educação de São Paulo (Seduc-SP) permitirá que os alunos do primeiro ano do ensino médio escolham seus itinerários. Os alunos que optarem por essa disciplina poderão aprofundar o conhecimento sobre questões financeiras durante o segundo e terceiro anos do ensino médio. Essa abordagem

permite que os estudantes escolham áreas que consideram relevantes para sua formação, incluindo a capacidade de tomar decisões com base em informações.

A importância da educação financeira nas escolas não é uma mera especulação. Um estudo realizado pelo Banco Central, intitulado “Efeitos de longo prazo na educação financeira em escolas brasileiras”, revelou evidências claras de que o ensino para jovens em idade escolar teve um impacto positivo na maneira como eles lidam com o dinheiro. Isso sugere que ao fornecer conhecimentos financeiros básicos, desde cedo, para moldar hábitos mais saudáveis e responsáveis em futuras gerações. Ana Helena Barros e Nicolas Soranso, ambos alunos da Escola Sebastião Fernandes Palma, apontam a educação financeira como algo essencial. Ana Helena diz que “ela



desempenha um papel fundamental em ajudar as pessoas a evitar dívidas excessivas, a planejar o futuro, a investir com sabedoria e a alcançar a independência econômica". Nicolas completa dizendo que esta educação contribui para a redução do estresse financeiro, promovendo uma vida econômica mais saudável e equilibrada.

Outra descoberta importante desse estudo realizado pelo Banco Central (BC) é a relação entre a educação financeira nas escolas e a redução da taxa de endividamento da população. Atualmente, o Brasil enfrenta um alto índice de pessoas inadimplentes, chegando a 70%. Ensinar às crianças a cultura da poupança e do investimento, desde cedo, pode ser uma estratégia eficaz para mudar essa realidade no futuro, promovendo uma sociedade financeiramente estável. Segundo Vitor Ruy Barbosa, assessor de investimentos da FG/A, um escritório credenciado da XP Investimentos, a educação financeira é a base para tomar medidas bem fundamentadas em relação ao dinheiro. Ele enfatizou que "a educação financeira desempenha um papel central em uma estratégia de planejamento pessoal, fornecendo os conhecimentos e as habilidades necessárias para se informar melhor sobre investimentos, gestão de dívidas e objetivos financeiros."

Tanto Nicolas quanto Ana Helena concordam que essa jornada deve começar desde cedo, na infância. Quanto mais cedo as crianças aprendem sobre dinheiro e desenvolvem habilidades financeiras, mais bem preparadas estarão para tomar decisões financeiras ao longo de suas vidas. Essa abordagem pode ajudar a evitar muitos erros comuns que as pessoas enfrentam mais tarde na vida. Um exemplo recente que demonstra a relevância da educação financeira nas escolas é o caso de Larissa Manoela, uma jovem atriz e cantora brasileira. Sua história veio a público e está sendo amplamente debatida por especialistas que destacam como a educação financeira teria sido fundamental para Larissa Manoela gerenciar o dinheiro de maneira mais eficaz. Além disso, em julho de 2021, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e o Sebrae lançaram o Programa de Educação Financeira nas Escolas. O objetivo é capacitar 500 mil professores nessa área nos próximos



Vitor Barbosa afirma que pequenas escolhas financeiras diárias podem levar a grandes conquistas econômicas no futuro

três anos. Isso demonstra o compromisso das autoridades em promover a educação financeira em todo o sistema educacional.

Barbosa destacou a importância dos planejadores no processo de educação financeira dos clientes. Ele afirmou que "esses profissionais podem incorporar a formação em suas práticas, oferecendo sessões educacionais, recomendações de leitura e ferramentas interativas para ajudar os clientes a entender melhor as finanças." Para ele, o papel desse profissional vai além da simples gestão de investimentos, incluindo o compartilhamento de conhecimento e orientação personalizada. Quando questionado sobre como a tecnologia está moldando o campo da educação financeira, Barbosa apontou para uma tendência crescente. Ele observou que "a tecnologia facilita o acesso a aplicativos de orçamento, a plataformas de investimento e a cursos on-line, tornando a aprendizagem mais conveniente e acessível." Essa democratização do acesso à educação financeira, segundo ele, está empoderando as pessoas a assumir o controle das finanças.

No entanto, ainda há desafios a serem su-

perados. De acordo com um estudo realizado pelo Instituto XP e a Nova Escola, a maioria dos professores acredita que a educação financeira deve ser debatida nas escolas, mas muitos deles sentem falta de formação específica na área e acesso à material didático de qualidade. Isso ressalta a importância de investir em recursos e em treinamentos para garantir que os educadores estejam preparados para ministrar essa disciplina de forma eficaz.

Ana Helena e Nicolas também mencionaram a importância de conceitos-chave na educação financeira, como orçamento, economia, investimento, gestão de dívidas, juros compostos, diversificação de investimentos e planejamento de aposentadoria. Esses são conceitos fundamentais que formam a base de uma educação sólida. Dominar esses princípios não apenas permite que as pessoas gerenciem as finanças pessoais com eficácia, mas também contribui para uma sociedade financeiramente estável. Um estudo demonstrou que esse conhecimento pode reduzir a taxa de endividamento das pessoas e aumentar a poupança, promovendo a estabilidade econômica e reduzindo a desigualdade financeira na sociedade.



**ANDRÉ  
MERICE**  
*repórter*

# ROMPENDO BARREIRAS

*Descubra como a educação inclusiva pode transformar e impulsionar a vida de portadores de pessoas com deficiência em Sales Oliveira*



Usuária da APAE mostrando um tapete feito por eles

Na cidade de Sales Oliveira, um inspirador movimento de educação inclusiva está mudando a vida de crianças e jovens que enfrentam desafios ligados a deficiências intelectuais e múltiplas. A parceria entre órgãos de educação do município está transformando a narrativa dessas pessoas, proporcionando um ambiente acolhedor e valorizando a troca de experiências como elemento fundamental.

De acordo com um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, cerca de 8,4% da população brasileira tinha algum tipo de deficiência, representando 17,3 milhões de pessoas. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) também evidenciam que pessoas com deficiência enfrentam maiores desafios quando se trata de inclusão no mercado de trabalho e no sistema educacional, o que consequentemente dificulta o acesso à renda. Conforme revelado pela pesquisa, a taxa de analfabetismo entre pessoas com deficiência foi alarmante, atingindo 19,5%, em comparação com a taxa de apenas 4,1% entre aquelas sem deficiência.

Outro dado que chama a atenção é que a maioria das pessoas com 25 anos ou mais, portadoras de deficiência, não concluiu sequer o ensino básico, sendo que 63,3% delas tinham nível de instrução limitado, ou seja, sem instrução ou apenas com o ensino fundamental incompleto. No caso de pessoas sem deficiência, esses números foram consideravelmente mais baixos, com 29,9% sem instrução ou com ensino fundamental incompleto e 12,8% com o ensino fundamental completo ou médio incompleto.

A disparidade educacional se estende ao ensino médio, onde apenas 25,6% das pessoas com deficiência concluíram pelo menos essa etapa, em comparação com mais da metade (57,3%) das pessoas sem deficiência. Quando se trata de educação superior, a diferença é ainda maior, com apenas 7,0% das pessoas com deficiência atingindo esse nível, em contraste com os 20,9% das pessoas sem deficiência que alcançaram o ensino superior.

Gilberto Júnior, de 27 anos, morador de Sales Oliveira, portador de deficiência intelectual e motora (D.I.), conseguiu concluir o ensino mé-



Aluno da APAE pintando uma casa em mdf

dio e foi, durante muito tempo, acolhido por programas de educação especial, recebendo apoio personalizado para desenvolver suas habilidades cognitivas e sociais. Após terminar seus estudos, começou a trabalhar em um supermercado, onde está até hoje, interagindo e compartilhando experiências.

Em relação à inclusão de crianças e jovens com deficiência no sistema educacional brasileiro, no ano de 2020, houve um avanço notável. A maioria (86,5%) desses alunos estava matriculada em turmas “comuns”, em comparação à 2005, quando a maioria (77%) estava em espaços exclusivos para alunos com necessidades especiais.

No entanto, uma parte significativa desse grupo não tem acesso adequado a oportunidades educacionais e sociais. Muitas escolas em Sales Oliveira, por exemplo, não foram projetadas para atender plenamente às necessidades de mobilidade e acessibilidade de alunos com deficiências. A falta de profissionais e estruturas adequadas, como rampas de acesso, portas estreitas e salas de aula não adaptadas para aprendizado tornam o ambiente acadêmico inacessível para muitos.

Lenise Puliane, mãe da Karen, portadora de deficiência intelectual e motora, relatou que as escolas da cidade não oferecem o suporte necessário, mas destacou o carinho e a aten-

ção que os profissionais oferecem às crianças portadoras de deficiência. “Eles não dão uma atividade diferenciada. A criança tem uma certa dificuldade em aprender, mas eles procuram ser atenciosos, demonstrando carinho com os nossos filhos”, disse.

### O APOIO DA APAE

Em resposta a essa lacuna, a iniciativa da Secretaria de Educação e da Secretaria de Assistência Social de Sales Oliveira surge como um farol de esperança. Ela visa promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para jovens que, muitas vezes, são marginalizados pela sociedade. A abordagem centrada na inclusão não apenas ajuda na aprendizagem, mas também fortalece a coesão social.

O epicentro dessa iniciativa é a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Sales Oliveira (APAE), um programa de ação beneficente que atua nos campos social, educacional e de saúde. A missão da APAE é clara: criar oportunidades para jovens que enfrentam síndromes como Down e Autismo, permitindo que eles se tornem membros ativos e participativos na sociedade. “O suporte [da APAE] é melhor que o fornecido pelas escolas. O ensino busca socorrer o aluno naquilo que ele mais precisa, que talvez hoje seja se virar sozinho. Tentar ter uma vida melhor, se cuidar melhor”, completou Lenise.





**ARTHUR SANTOS**

*repórter*



Período teórico no programa de jovem aprendizagem

# EDUCAÇÃO E FINANÇAS NO TRABALHO

*Curso de aprendizagem beneficia milhares de jovens com ensino da teoria associada à prática. Além disso, as empresas prepararam o aprendiz para ingressar em áreas específicas do mercado de trabalho*



Ana Laura Scavazzini, aluna e participante no sistema jovem aprendiz



Caio Lemos, diretor comercial e tutor do programa de jovem aprendiz

A liberdade dada aos jovens tanto na empresa como no curso é o principal atrativo para aqueles que estão ingressando no mercado de trabalho. “O curso de aprendizagem do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem do Comercial) tem um respaldo teórico. Desde o início, aprendemos como nos comportar e quais são as nossas responsabilidades. Também podemos questionar os gestores da empresa sobre o funcionamento dos métodos adotados”, cita Ana Laura Scavazzini, aprendiz participante de um programa de aprendizagem.

Criada em 2000, a Lei de Aprendizagem surgiu como uma esperança para os jovens entre 14 e 24 anos que buscam a inserção no mercado de trabalho e também procuram uma jornada com carga horária menor, para conciliar o trabalho com os estudos. “Essa legislação não é apenas um marco regulatório, mas uma poderosa ferramenta que encaminha o futuro dos jovens estudantes, promove a educação de qualidade e contribui para o aprimoramento da formação profissional. Ela tem o intuito de promover o aprimoramento da formação profissional”, explica Ana Lídia, diretora do curso.

Essa legislação estabelece que empresas de diversos portes devem reservar uma proporção em suas vagas de trabalho, variando entre 5% e 15%, para essa categoria de aprendiz. Esse modelo de contratação proporciona aos jovens a oportunidade de iniciar sua trajetória no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que adqui-

rem habilidades técnicas essenciais. Isso ocorre porque, durante o período do programa, os jovens recebem formação técnico-profissional nas dependências da empresa empregadora ou em instituições parceiras. Durante o treinamento, na rotina do aprendiz são três dias práticos na empresa que o contratou e outros dois dias da semana teóricos, ou seja, na escola que faz a parceria com a empresa. Nos dias em que o colaborador vai ao curso, participa de uma série de atividades para que tenha o entendimento de como é o mundo do trabalho, além de algumas instruções de comportamentos e atitudes para determinadas situações.

### EXPERIÊNCIA PARA OS JOVENS

A Lei da Aprendizagem abre portas para os jovens ingressarem no mercado de trabalho, enquanto continuam os estudos. Para muitos, esse é o primeiro contato com o ambiente profissional, permitindo que eles tenham experiência prática, habilidades técnicas e competências interpessoais, que são essenciais para o sucesso futuro. Ao promover essa combinação de educação e trabalho, a lei estabelece as bases para a formação de uma geração mais capacitada e preparada para enfrentar os desafios da vida adulta. Uma das principais dificuldades dos jovens que entram para o sistema de aprendizagem é conciliar os estudos com o trabalho, aprendendo desde o início a calcular o tempo e organizar as tarefas, “O sistema de aprendizagem é muito bom, a carga horária é de seis ou quatro horas, dependendo

da empresa. O jovem tem que estar matriculado na escola. Há obrigação de conciliar o tempo da escola com o trabalho. Se você trabalha no período da tarde, tem a manhã para estudar. A empresa flexibiliza o horário de trabalho. Teve uma situação em que eu precisava, uma vez na semana, sair mais cedo. Eles compensavam as horas e liberavam. É uma coisa bem legal de pontuar que eles têm em vista que o estudo é importante, não só o estágio”, afirma Ana Laura.

### BENEFÍCIO PARA AS EMPRESAS

Assim como o sistema de aprendizagem é vantajoso para os jovens que estão entrando no mercado de trabalho, as empresas que fazem parte do programa também são beneficiadas, uma vez que terão à disposição mão de obra jovem, formada de acordo com a missão, visão e os valores da empresa. Segundo Caio Lemos, tutor da UCBvet, empresa participante, estes são os principais benefícios para as empresas. “É importante ter um jovem aprendiz, pois podemos instruí-lo em seu começo profissional, ensinando os padrões de uma grande organização. Também nos preocupamos em contribuir para que o aprendiz tenha melhorias em sua vida pessoal, de acordo com a nossa missão e valores. Com isso, o jovem se desenvolve em diferentes áreas”, avalia Caio. O sistema de aprendizagem gera oportunidades de emprego e também fomenta o desenvolvimento de competências, minimiza o desemprego entre os jovens, além de proporcionar benefícios econômicos e qualitativos para as empresas participantes.



Professora Lúcia (ao centro) com as alunas da Adevirp após o treino

# A SUPERACÃO PELO ESPORTE

*Com um trabalho de inclusão pioneiro na região de Ribeirão Preto, instituição auxilia deficientes visuais a vencer barreiras e a superar limites*



**ARTHUR BRUNELLO**

*repórter*





Professor Gustavo Granero dá orientações sobre o jogo

Ensinar envolve educar as pessoas, contribuir para a formação dos cidadãos. Esse ato se expande para todos que possuem o direito universal de acesso à educação, propiciando independência e inserção no mercado de trabalho. Em Ribeirão Preto, a Adevirp (Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto) desempenha um papel fundamental no ensino dos deficientes visuais da cidade, oferecendo o ensino da linha braille e disciplinas fundamentais como a Língua Portuguesa. Além disso, a instituição utiliza o esporte como uma ferramenta para complementar a formação dos alunos. Fundada em 1998, por Marlene Taveira Cintra, a Adevirp fornece serviços gratuitos e permanentes para mais de 200 deficientes visuais de 40 cidades da macrorregião de Ribeirão Preto e do sul de Minas Gerais. O trabalho da Associação está direcionado para o desenvolvimento humano e a inclusão educacional e social das pessoas com deficiência visual (cegas ou com baixa visão), com ações, recursos e serviços que visam à melhoria da qualidade de vida e à convivência sociofamiliar, em parceria com as famílias, escolas e a comunidade.

A presidente da Adevirp, Marlene Cintra, lem-

bra que a instituição foi pioneira na inserção dos deficientes visuais no ensino regular, em uma época em que existiam as classes especiais. A Associação acolhe os alunos do primeiro e do segundo grau e até mesmo da educação infantil. Os professores ajudam na locomoção dentro do espaço educacional. Os alunos mais jovens são auxiliados por terapeutas ocupacionais. A dirigente ainda ressalta como a inclusão é potencializada pela prática esportiva. "Nossa instituição está voltada para desenvolver a autoestima dos nossos educandos e uma inclusão de fato. O esporte é algo que faz parte da vida saudável das pessoas". A professora destaca ainda a função educativa do esporte que ajuda a desenvolver a disciplina e a superação. "Orientamos o educando para que ele desenvolva na quadra uma relação harmoniosa e cooperativa que ele pode levar para a vida toda", comenta Marlene.

Nesse contexto, o esporte se constitui numa ferramenta fundamental do processo educativo. O professor Gustavo Granero explica que as modalidades esportivas são oferecidas em parceria com outras instituições. Atualmente, a Associação oferece o Goalball, através do projeto "Deixa a Bola me Guiar", para pessoas adultas e

adolescentes, tanto masculino quanto feminino. Para as crianças e adolescentes foram implantados o "Superação", um projeto da Associação Pró-Esporte e Cultura (APEC) em parceria com a Adevirp, o "Goalball" e o "Futebol de Cinco". "O esporte auxilia, não só na parte física e de saúde, mas também promove o bem-estar. Dentro da quadra, eles têm independência para participar das atividades esportivas, e isso se estende às demais", observa Granero. Outro resultado que pode ser observado é como a prática das modalidades reflete na vida pessoal dos atletas. "Percebemos que os alunos tendem a ser mais independentes, por conta do desenvolvimento de um repertório motor mais amplo, de terem vivência em ambientes mais abertos e mais liberdade para essa prática," avalia o professor, acrescentando que o esporte se entrelaça com o projeto pedagógico da Adevirp, de preparar para o mercado de trabalho e estimular a independência dos alunos. O ambiente reforça a disciplina, aspecto fundamental diante das regras dos jogos, dos projetos e principalmente das normas da instituição. "É um espaço em que as regras precisam ser observadas constantemente. A partir disso, criamos hábitos que levam os alunos a adotar essa metodologia esportiva, de como se comportar em um grupo, em todas as áreas da vida", avalia Granero.

O coordenador de esportes da Adevirp, Filipe Ramos, ressalta o impacto dos esportes na vida dos estudantes, principalmente na locomoção. "Podemos ver no dia a dia, aquela pessoa que tem um pouco mais de habilidade, que tem uma vivência maior na área do esporte, desenvolver um controle motor melhor." Ramos ainda ressaltou a importância dos outros sentidos, diante da falta da visão. "No Goalball, o atleta tem que ficar atento ao barulho do guizo da bola. Isso estimula a audição e a locomoção. Os professores ensinam diversas técnicas, repetem três vezes o exercício, e isso repercute no dia-a-dia deles." Os professores Filipe Ramos e Gustavo Granero afirmam que a instituição faz o acompanhamento pedagógico dos estudantes que praticam esportes, priorizando o ensino dos alunos, em conjunto com a atividade física. Assim, fica evidente a importância da disciplina na vida dos alunos, que são preparados para levar uma vida com independência.



**EDUARDO  
NAZARÉ**

*repórter*



Laboratórios permitem o aprendizado na prática

# A QUÍMICA DA EDUCAÇÃO

*Passar os conceitos da química para os alunos e atrair o interesse para a formação de futuros cientistas têm sido uma fórmula complicada, mas o avanço do ensino da disciplina mostra que isso é possível*

O ensino das ciências puras e aplicadas como a matemática, a física e a química é um desafio tanto para os professores quanto para os alunos quando passam a ter contato com essas disciplinas. As fórmulas, teorias e conceitos, muitas vezes, podem parecer complexos e distantes da realidade dos alunos. Contudo, existe uma crescente preocupação em tornar o aprendizado da química mais leve, atrativo e relevante para os estudantes. Professores têm se empenhado em criar ferramentas que unam à química ao cotidiano dos alunos. Paulo Olivi, professor de química da Universidade de São Paulo (USP) e orientador do Profqui — Programa de pós-graduação em rede nacional que busca aprofundar, revisar e atualizar professores de química — afirma que “um dos principais desafios é desmistificar a ideia de que a química e a física são matérias chatas, a fim de aumentar o interesse dos alunos pelo conhecimento. Para isso, é preciso aproximar a química da realidade dos alunos, com estratégias ligadas ao cotidiano”.

Para alguns alunos, a química é muito mais do que apenas conteúdos teóricos e equações. É a ciência que explora a origem do universo e auxilia na compreensão e no funcionamento do planeta. Davi Nogueira dos Santos, aluno do 2º ano do ensino médio, já pegou gosto pela disciplina, pois entende que “estudar química não se resume a fórmulas, mas também nos ensina como funciona a maioria das coisas no planeta”. Porém, o aluno lembra que nem todos são interessados como ele e que o ensino prático com demonstrações laboratoriais deixa a teoria um pouco mais “interessante e atrativa” e consegue prender a atenção daqueles que não estão tão interessados.

### NOVAS ESTRATÉGIAS

Para despertar e manter o interesse dos alunos é fundamental que os professores adotem estratégias inovadoras. A professora de química, Cibele Zanatta da Silva Pereira explica que “a prática docente é desafiadora, especialmente com a distração dos smartphones”. É preciso sair da rotina das teorias e trazer a química para o cotidiano dos alunos. A professora diz que atualmente “é possível utilizar recursos gratuitos como jogos, simuladores, músicas e vídeos para ilustrar conceitos que antes ficavam apenas restritos ao campo da imaginação ou no máximo à imagem do livro didático”. Foi com esse pensamento que Cibele desenvolveu um aplicativo de celular chamado IsomeriAR. Ele utiliza a realidade aumentada para visualizar moléculas tridimensionais na tela do smartphone, através da leitura de um marcador tipo QRcode. O aplicativo torna o ensino da química orgânica mais atrativo. Além disso, o conceito de isomeria requer certa abstração do aluno e a capacidade de pensar as estruturas de forma tridimensional. Sua aplicação em sala de aula desperta o interesse e é um sucesso garantido entre a garotada. Segundo Cibele, “ele promove a autonomia dos estudantes para que o conhecimento possa ser construído por ele e mediado pelo professor”.

Ellen Diniz Vilela, também professora de química, encontrou outra maneira criativa de envolver os alunos. Ela desenvolveu uma plataforma online de criação de estudos de casos investigativos, a Quimicasos. “O método dos casos investigativos coloca os alunos como protagonistas.



Para o professor Paulo Olivi, o desafio é desmistificar a ideia de que a química é uma matéria chata

De uma forma interdisciplinar eles investigam, analisam alternativas, levantam hipóteses e tomam decisões, tudo, enquanto aprendem sem perceber”. Para ela, isso desenvolve habilidades valiosas e torna a química mais atrativa e palatável ao misturá-la com outras disciplinas e aproximá-la do cotidiano dos estudantes.

### ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

A preocupação com o ensino da química não se limita ao ensino médio. No ensino superior, o desafio é equilibrar os conceitos fundamentais com a necessidade de formar futuros profissionais da área. Nesse cenário, métodos inovadores, como casos investigativos e tecnologias de ensino como o IsomeriAR, continuam sendo essenciais, e suas criações devem ser incentivadas para que cada vez mais seja possível criar novas ferramentas. Olivi defende que esse ensino mais amigável deve começar na graduação e ressalta a importância de uma base sólida de química misturada com conceitos práticos e inovadores. “Na universidade, é crucial fornecer

uma base forte em química, mas também precisamos tornar o ensino prazeroso para futuros profissionais. Aulas práticas e experimentos são sempre cativantes, mas os conceitos básicos não podem ser ignorados”. Para ele, quando a química é apresentada dentro de um contexto atual e interdisciplinar, ela atrai a atenção dos alunos, criando uma atmosfera de discussão que os mantém envolvidos.

Ensinar química de forma atraente e contextualizada é uma tarefa desafiadora, mas fundamental para o sucesso dos alunos e para o avanço da ciência. Professoras como Cibele e Ellen mostram que abordagens inovadoras podem fazer a diferença. A integração com outras disciplinas e a contextualização também desempenham um papel crucial. Portanto, o ensino da química está evoluindo, tornando-se mais interessante e relevante, proporcionando aos alunos uma experiência educacional enriquecedora. É assim que a química deixa de ser vista como um “bicho-papão” e se torna uma jornada empolgante de descobertas e de aprendizado.



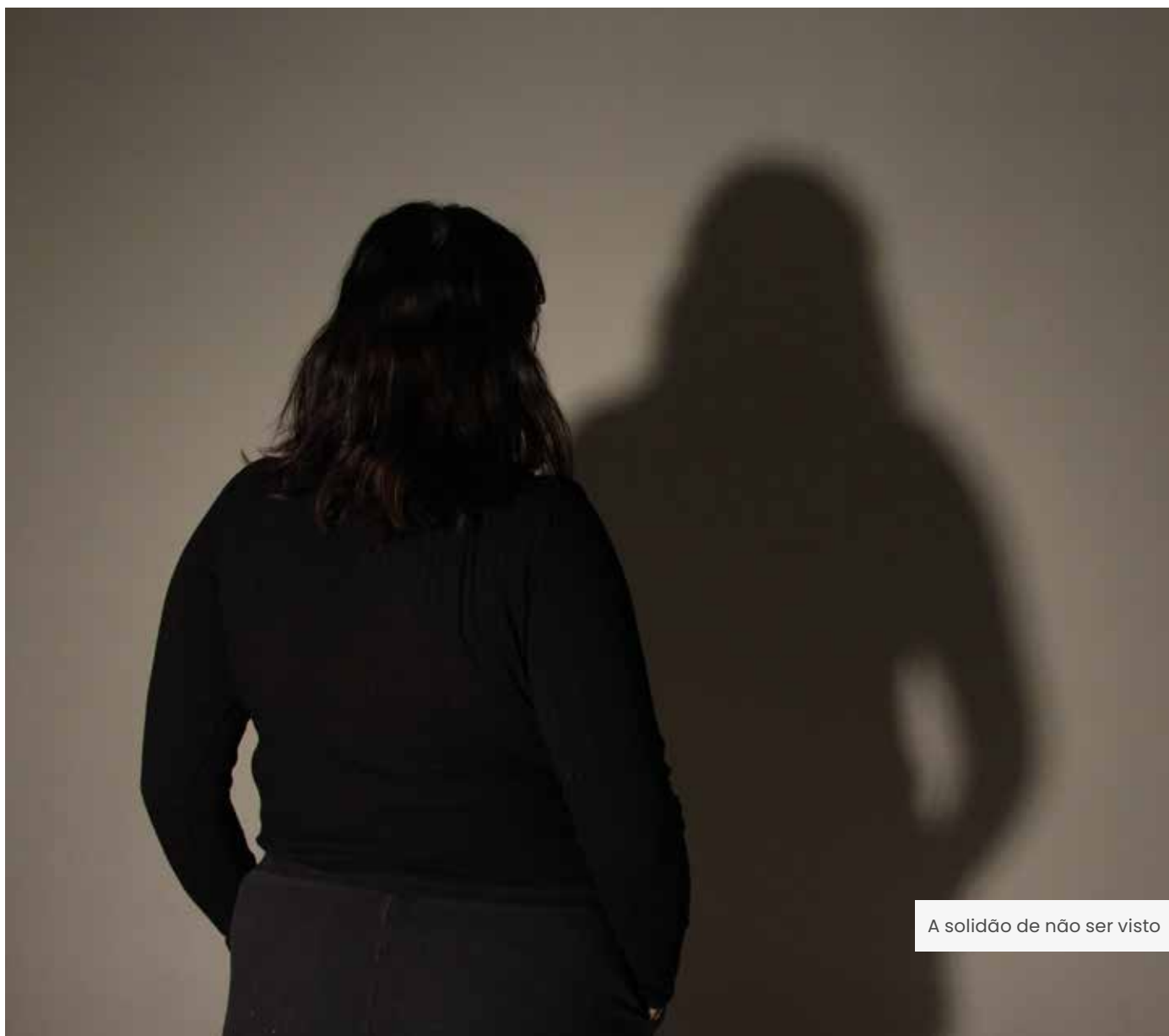


**MANU  
RAMOS**

*repórter*

# O DESAFIO INVISÍVEL

*O impacto das deficiências ocultas na educação e os esforços de alunos,  
professores e psicólogos para vencer as barreiras*



A solidão de não ser visto

Aproximadamente 15% da população mundial, incluindo cerca de 6,7% no Brasil, apresentam algum tipo de deficiência, sendo muitas delas ocultas e não facilmente identificáveis. As deficiências ocultas também conhecidas como doenças invisíveis são aquelas que não são identificadas de imediato e englobam condições como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), dislexia, epilepsia, fibromialgia, autismo, enxaqueca crônica, entre outras. Andrea Giantomassi, coordenadora e professora de práticas experimentais na PEI Agenor Medeiros, destaca a falta de suporte para alunos com deficiências ocultas na escola. “Nós temos poucos alunos com laudos psicológicos na escola, mas percebemos que muitos precisam de atenção e de acompanhamento. Não temos suporte para isso, muitas vezes, os pais não são orientados, muitos recusam a investigação, falar sobre assunto.” Denise Lizareli, vice-diretora da mesma escola, reforça a importância da colaboração entre família e escola. “Quando não tem um laudo, a gente chama os pais para pedir ajuda, pois é um trabalho em conjunto, família e escola, porque facilita a abordagem da criança. Quando a gente tem um laudo é melhor, pois direcionamos o atendimento certinho para cada situação.”

Um dos principais desafios enfrentados pelas escolas envolve a carência de suporte adequado. “O governo, às vezes, lança um programa chamado psicólogo na escola, agora mandaram um documento falando que esse programa vai voltar. No entanto, o atendimento será realizado de forma on-line e, em alguns casos, nossos alunos podem enfrentar dificuldades para acessá-lo”, avalia Denise. Fernanda Zeoti, psicóloga e pedagoga, acrescenta que a falta de visibilidade das deficiências ocultas pode atrasar diagnósticos e apoio adequado. “As doenças invisíveis, na maioria dos casos, demoram a ser diagnosticadas, vistas e validadas como existentes e reais na vida das pessoas. Justamente por conta desses fatores, muitas vezes, as pessoas ficam sem apoio.” Para os alunos que enfrentam deficiências ocultas, como M. P., de 14 anos, que tem autismo, a escola PEI Agenor Medeiros, apesar da falta de apoio governamental, desempenha um papel crucial. “Eu me sinto liberta, as pessoas me tratam muito bem desde que descobri que tenho autismo. Por mais que seja difícil para mim,



O suporte psicológico nas escolas é fundamental para o aprendizado pleno

as pessoas dão um apoio enorme e isso me faz sentir feliz aqui.” A psicóloga Gabriela Niz enfatiza a importância do suporte psicológico. “O suporte psicológico desempenha um papel fundamental, porque existem situações nas quais essas pessoas neurodivergentes não estarão dispostas e isso vai fazer com que elas tenham sentimentos de incapacidade, de não pertencimento, de inabilidades sociais.”

Para Fernanda Zeoti, a falta de diagnóstico precoce e de apoio adequado pode impactar profundamente o desenvolvimento e o bem-estar das pessoas. “O efeito se mostra bastante significativo, tanto para o desenvolvimento quanto para os processos de aprendizagem da pessoa, inicialmente por causa da própria demanda que a condição tem, depois pela dificuldade do diagnóstico e, conseqüentemente, da falta de apoio. Isso vai gerando uma defasagem e um prejuízo em vários aspectos do desenvolvimento cognitivo, psíquico, físico, de várias naturezas que impactam profundamente a vida da pessoa.” A conscientização e a educação desempenham um papel crucial na abordagem das deficiências ocultas. Denise Lizareli ressalta que existe uma lacuna na formação dos profissionais. “Quando a gente sai da faculdade e vem para escola trabalhar não apontam isso

para gente. Os professores, às vezes, também não sabem como lidar, vamos aprendendo com a vida”, observa a educadora.

No entanto, as histórias de superação destacam a importância de criar ambientes seguros. Em um mundo onde as deficiências ocultas podem ser invisíveis, o reconhecimento, a validação e o apoio são cruciais para garantir que cada pessoa possa viver plenamente, independentemente de suas condições. A sociedade, juntamente com pais, escolas e profissionais de saúde, deve trabalhar para tornar visíveis essas deficiências ocultas e fornecer o apoio necessário para que todos tenham a oportunidade de prosperar. Em meio a esses desafios, os pais e as escolas precisam reconhecer as deficiências ocultas e buscar o apoio necessário. A falta de visibilidade não deve representar um obstáculo para a validação das experiências dessas pessoas. Afinal, como ressalta Fernanda Zeoti, a atenção está voltada para o reconhecimento, a conquista da devida importância e a luta pelos direitos dos filhos. Embora as deficiências ocultas possam permanecer invisíveis aos olhos, a empatia, o apoio e a compreensão são as ferramentas que podem torná-las visíveis, oferecendo a essas pessoas a oportunidade de trilhar vidas plenas e significativas.



**ENZO PIRES**

*repórter*



Grupo “Educação Especial à Luta” faz mobilizações em espaços públicos

# O DESCAMINHO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

*Pais de alunos com deficiência lutam diariamente para que seus filhos tenham o mesmo direito de ensino que os demais*



A falta de professores na educação especial pode ter impactos significativos sobre os alunos com necessidades especiais e nas oportunidades de aprendizado. Isso vem ocorrendo por diversos fatores, como a falta de capacitação, uma vez que o ensino na educação especial exige habilidades específicas para atender às necessidades individuais dos alunos com deficiências. A dona de casa, Suelen Sumida, faz parte de um grupo de mães que sofrem com a falta de professores mediadores dentro das salas de aula. Ela faz parte da “Educação Especial à Luta”, que atua para garantir os direitos das pessoas com deficiência em escolas municipais de Ribeirão Preto. O movimento nasceu em 2020, quando a Secretaria da Educação Municipal não cumpriu uma liminar que determinava que alunos com deficiência, com laudo médico comprovando, precisavam de um professor mediador dentro da sala.

A Secretaria de Educação de Ribeirão Preto informa que todos os professores de AEE (Atendimento Educacional Especializado) são especialistas em atendimento na educação especial. A Secretaria ressalta que a pasta realiza formações constantes, por meio do Centro Educacional Paulo Freire (CEPF), responsável pela formação continuada dos profissionais da educação da rede municipal de ensino da cidade. Entretanto, Suelen relata que só conseguiu que o filho, Gustavo, recebesse o apoio necessário após entrar com ação judicial. “Minha experiência desde a pré-escola mostrou que só se cumpre a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e a Lei da Pessoa com Autismo com muita luta. Meu filho tem autismo suporte 2 e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e só depois de muito esforço consegui que ele recebesse o apoio necessário.”

Para a pedagoga Anita Carvalho, as escolas precisam ter professores mediadores dentro das aulas. “Trata-se de algo importante e urgente. Independentemente de qualquer limitação, a criança deve frequentar a escola e ter acesso a tudo que é disponibilizado regularmente às demais. Isso está garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Essa educação considera que toda pessoa é capaz de aprender”, comenta a psicopedagoga. Isso



Crianças especiais precisam da ajuda de um professor mediador

não acontece no mesmo ritmo de indivíduo para indivíduo, nem utilizando os mesmos materiais, mas essa pluralidade faz cada ser humano único. Por isso, incluir é reconhecer a diversidade de aprendizado e, portanto, ser incansável na busca de alternativas que favoreçam o aprender de múltiplas formas. Não existe uma única metodologia e sim o olhar sensível do profissional para trabalhar com várias. Durante a pandemia, o prefeito de Ribeirão Preto, Duarte Nogueira, determinou que toda a escola deveria ter dois professores por sala para auxiliar os alunos que tiveram prejuízos de aprendizado. Para os pais de crianças com deficiência, faltaram professores mediadores. “Esse projeto com dois professores na sala de aula se chama “Projetos todos juntos”, mas só vale da 1ª a 5ª série. O segundo só fica na aula do professor regente (português, matemática, geografia, etc.). Já nas aulas dos professores especialistas (artes, inglês, educação física, etc.) não têm. Além do mais, esse segundo professor não se trata de um profissional especializado em educação especial. Ou seja, esse projeto não foi feito pensando no aluno de inclusão, mas sim para suprir uma demanda da pandemia,” contesta Suelen, mãe de Gustavo.

A pedagoga Anita ressalta que as neurociências têm se desenvolvido muito e ajudam a desmistificar teorias que foram criadas no decorrer dos anos e que dificultaram o processo

ensino-aprendizagem. Para que a educação inclusiva aconteça, há necessidade de professores e profissionais especializados. “A Prefeitura de Ribeirão não contrata professores mediadores. A solução da administração foi contratar um professor para dar aula. Assim, caso ele tenha que dar aula à tarde, ele vai exercer a função de mediador no período da manhã, mas só se ele quiser, e isso se estiver faltando horas na carga horária semanal”, observa Suelen.

### MOVIMENTO DOS PAIS

Pais envolvidos no grupo “Educação Especial à luta” continuarão buscando os direitos das crianças com deficiência. O futuro das pessoas depende da formação escolar. A Secretária de Educação de Ribeirão ressalta que a cidade conta com 178 professores de AEE (Atendimento Educacional Especializado), 412 agentes de suporte operacional (profissionais de apoio) e mais 394 professores mediadores. Segundo a Secretaria, todas as unidades estão devidamente equipadas para atender às necessidades dos estudantes com deficiência. A psicopedagoga, Anita Carvalho, ressalta que na era das redes sociais as pessoas mostram apenas o lado bonito do mundo e diante das câmeras dizem ter empatia com os outros. “As pessoas na frente de uma câmera são empáticas, mas desde que não atrapalhem o rendimento acadêmico dos seus. Por isso, é preciso continuar lutando por uma educação inclusiva”.

### A PRIMEIRA TERAPIA



**ANA BEATRIZ  
FOGAÇA**

Mãos tremendo, choro e falta de ar. Lembro da primeira vez que esses sintomas surgiram, eu ainda muito nova e sem saber como controlá-los ou até mesmo explicar para alguém o que estava sentindo. Ainda no ensino infantil de uma escola particular, uma coordenadora percebeu que eu estava diferente e chamou meus pais para uma conversa. Dias depois, eu estava na sala de um psicólogo e com um diagnóstico de crise de pânico. Da primeira crise ao diagnóstico se passaram uma ou duas semanas.

Agora com 25 anos me pergunto se todas as crianças têm acesso à suporte psicológico nas escolas. Depois de pesquisar e conversar com uma coordenadora e ex-professora da rede municipal a resposta é simples: não. E um não daqueles desanimadores. De acordo com o Censo Escolar de 2022, nenhuma escola da rede municipal e estadual, seja no ensino infantil, médio ou fundamental contava com um psicólogo. Na rede privada, uma em cada cinco escolas tinha um profissional, número baixo, mas ainda um ponto de partida.

Ao refletir sobre os dados em uma conversa com Ana Paula Ravanelli, a coordenadora que citei acima, a realidade ficou mais clara. Ana Paula atua em quatro escolas municipais, nenhuma conta com um psicólogo. Nesse ponto surge outro problema. Se não tem profissionais nas escolas e os problemas psicológicos não desaparecem, quem cuida da saúde mental dessas crianças? São os professores, diretores, coordenadores e assistentes, aqueles que já sofrem com o dia a dia cansativo da sala de aula e precisam assumir um papel para o qual eles não têm o conhecimento necessário.

A presença de um profissional nas escolas seria a solução definitiva. Traria também para as crianças uma segurança e um trabalho emocional no local onde elas passam boa parte do dia. É claro, isso com um pensamento utópico de que o número de profissionais seria proporcional ao número de alunos para que todos fossem atendidos da melhor maneira. Além de fazer um trabalho emocional, os profissionais poderiam identificar transtornos e encaminhar o aluno para o tratamento mais adequado, assim como meus pais fizeram. No entanto, aqui, é preciso levar em consideração que todo o meu acompanhamento foi feito de forma particular, o que não é uma possibilidade para milhares de estudantes, em especial das escolas públicas.

### FERRAMENTA DA PROSPERIDADE



**ANA LAURA  
DE BARROS**

A educação financeira é uma ferramenta poderosa para preparar indivíduos a tomar decisões informadas e responsáveis sobre as finanças pessoais. No entanto, a falta de conhecimento financeiro é uma preocupação global que afeta pessoas de todas as idades. Uma maneira eficiente de abordar essa questão é por meio da introdução da educação financeira nas escolas. Em um mundo cada vez mais complexo do ponto de vista financeiro, o domínio dessa habilidade se torna essencial. A educação nessa área envolve compreender conceitos de orçamentos, poupança, investimentos e dívidas. Uma pesquisa do Banco Central (BC) aponta que o Brasil enfrenta um alto índice de pessoas inadimplentes. Essas experiências não apenas ajudam os indivíduos a evitar armadilhas financeiras, como dívidas excessivas e má gestão de recursos, mas também preparam as pessoas para alcançar objetivos de longo prazo.

A educação financeira é especialmente relevante em um cenário em que as decisões complexas fazem uma parte da vida cotidiana. Questões como empréstimos estudantis, financiamento habitacional e investimentos tornaram-se mais relevantes do que nunca. Portanto, preparar os jovens com habilidades financeiras sólidas é fundamental para que eles enfrentem esses desafios com segurança. Nesse contexto, as escolas desempenham um papel central. A introdução do conteúdo deve ser abrangente. O currículo deve ser organizado de forma que um profissional ensine os alunos a desenvolver conhecimentos abrangentes que comecem com conceitos financeiros básicos e evolua para tópicos mais avançados à medida que os estudantes progredirem.

Porém, para que isso entre em vigor, as escolas precisam de professores qualificados. Esses profissionais devem ser capacitados, com formação necessária para transmitir conceitos financeiros de maneira acessível. As escolas também precisam ter recursos educativos, onde materiais de ensino seriam disponibilizados para os estudantes no processo de aprendizagem: livros, recursos on-line, simulações, entre outras. O mais importante é ter experiências práticas, porque só dessa forma, o aluno saberá como e quando utilizar. Assim, as escolas incorporariam atividades em que alunos aplicam o que aprenderam dentro de sala de aula.

### ENTRE LIMITES E ALTERNATIVAS



**ARTHUR  
BRUNELLO**

É inegável que a educação sofreu mudanças substanciais por conta da pandemia. O isolamento social e as medidas protetivas passaram a ditar o modo de vida e interação das pessoas. Muitas profissões se reinventaram através do home office, modalidade que conciliou o ambiente doméstico com o de trabalho. Diante disso, a educação também teve que se adaptar à nova realidade, mostrando alternativas para o ensino dos alunos.

Dessa forma, a internet se mostrou fundamental para as aulas on-line, que foi a medida implantada para suprir a necessidade de aprendizado dos estudantes, frente ao obstáculo do isolamento social. Assim, o uso da internet tomou passos ainda mais largos, expandindo os meios de auxiliar as pessoas em suas atividades diárias e tornando-se uma ferramenta cada vez mais indispensável. Aliás, a pandemia abriu muitas lacunas que já existiam na educação brasileira, como a baixa adesão ao ensino superior. De acordo com o Ministério da Educação, aproximadamente 80% dos jovens de 18 a 24 anos não estão na faculdade e 32% nem cursaram o ensino médio.

Nesse sentido, outro obstáculo foi a grande presença de doenças ocultas, que são aquelas que não são identificadas de imediato e englobam condições como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), dislexia, epilepsia, fibromialgia, autismo, enxaqueca crônica, entre outras. O que fica muito evidente é a falta de apoio das instituições educacionais diante do número substancial de pessoas diagnosticadas. Aproximadamente 15% da população mundial, incluindo cerca de 6,7% no Brasil, apresentam algum tipo de deficiência, sendo muitas delas ocultas e não facilmente identificáveis.

Uma questão importante é o luto, que ficou muito evidente com o alto número de mortos por conta do Covid-19. Os lares sofreram baixas fundamentais e inesperadas na pandemia, e muitos jovens e crianças vieram a perder entes queridos. Tal período mostrou a omissão das instituições educacionais para amparar os alunos que estão lidando com a perda. Isso não é de responsabilidade integral das famílias, já que o luto é algo que requer apoio e atenção. Afinal, o luto acaba ensinando aos que permanecem na Terra, mostrando ser uma etapa da educação do ser humano.

### EDUCAÇÃO ESPECIAL



**ENZO  
PIRES**

Quando o assunto se trata da inclusão e da educação especial no Brasil, é possível enumerar diversos problemas que vem acontecendo. Felizmente, a ideia de proporcionar educação de qualidade para todos, independentemente de suas diferenças e necessidades, ganhou força nas últimas décadas. A Constituição Brasileira de 1988 consagrou o direito à educação para todos, ou seja, incluindo as pessoas com deficiência. No entanto, a implementação efetiva desse direito tem sido um desafio contínuo. A inclusão educacional, que preconiza a participação de alunos com deficiência no ensino regular, é um avanço importante, mas que não vem sendo atendida com frequência.

A falta de estrutura adequada nas escolas para atender às necessidades específicas continua como um dos maiores desafios. Muitas não possuem rampas de acesso, banheiros adaptados e recursos pedagógicos adequados. Outro grande desafio é a formação de professores mediadores. As unidades precisam ter educadores que estejam preparados para lidar com essa diversidade dentro de sala. A formação deve ser amplamente promovida, pois todos os professores precisam de conhecimento básico para atender às necessidades dos alunos com deficiência. Porém, ainda há um estigma social associado à deficiência, o que muitas vezes resulta em preconceito e em discriminação. A inclusão não se limita apenas ao ambiente escolar, mas deve ser estendida a toda a sociedade. Além disso, a falta de investimentos na área da educação também segue sendo um obstáculo significativo.

Mesmo com muitos desafios, o Brasil avançou em muitos aspectos. A Lei Brasileira de Inclusão [Lei nº 13.146/2015] trouxe importantes diretrizes. Ela prevê, entre outros aspectos, a disponibilização de profissionais de apoio, recursos de acessibilidade e adaptação de materiais didáticos. A inclusão e a educação especial no Brasil são questões complexas que envolvem não apenas o sistema educacional, mas toda a sociedade. Para que haja um avanço, governo, escolas, professores e sociedade precisam trabalhar juntos. O compromisso com a inclusão deve ser uma prioridade nacional, e isso implica investimentos, formação, conscientização e mudanças de atitude. Quando todos os alunos, independentemente de suas características e necessidades, podem aprender juntos, todos se beneficiam. A inclusão não é apenas um direito, mas sim uma oportunidade de construir uma sociedade mais igualitária, justa e solidária. Fica no ar uma pergunta: "Falta muito para que todos tenham o mesmo direito na educação?"





**JOÃO ANDRÉ  
GREGIO**

*repórter*



O ChatGPT pode realizar diversos trabalhos acadêmicos

# UM CAMINHO SEM VOLTA

*Desde o lançamento, o uso da inteligência artificial provocou muitas polêmicas, principalmente no ensino superior*

Em 30 de novembro de 2022, a OpenAI, um laboratório de pesquisa em inteligência artificial dos Estados Unidos, apresentou ao mundo o chatbot de inteligência artificial chamado ChatGPT. Sua divulgação foi recebida com entusiasmo por muitos veículos de imprensa, sendo comparado aos lançamentos do iPhone e do mecanismo de busca Google.

No entanto, em 05 de janeiro de 2023, o Departamento de Educação da cidade de Nova Iorque decidiu proibir o uso do ChatGPT para evitar que os

alunos da rede pública o utilizassem para trapacear. No mesmo mês, a Universidade francesa Sciences Po proibiu o uso dessa inteligência artificial. Em uma carta oficial dirigida aos professores e alunos, Sergei Guriev, diretor da instituição, cita que a ferramenta “questiona fortemente os atores da educação e pesquisa e que banaliza a fraude em geral e o plágio em particular”.

Para Bruna Scarduelli Pacheco, graduada em Administração e professora nos cursos de Engenharia de Produção e Administração, a expansão das in-



A professora Denise vê risco dos alunos se tornarem dependentes

teligências artificiais é um “caminho sem volta”, mas não deve ser encarada como uma ameaça. “Acredito que, como qualquer inovação, pode haver radicalismos, mas é fundamental usá-la com cautela e responsabilidade.”

Bruna, que também se dedica à pesquisa científica, vê o ChatGPT como uma fonte de apoio e auxílio à escrita. No entanto, ela observa que a ferramenta não substitui a necessidade de um conhecimento prévio sobre o assunto, que na visão da docente, não consegue trazer a “nata da ciência”. “Ele faz levantamentos e coleta informações que nem sempre são fontes confiáveis. A busca é bastante superficial e oferece conhecimento básico e raso. Muito diferente do que podemos obter com outras ferramentas e sites que se baseiam em ciência real.”

Quando questionada sobre a disseminação de informações incorretas, Bruna expressa preocupação destacando que o ChatGPT utiliza fontes de domínio público e pode potencialmente reproduzir informações falsas e não confiáveis. “Um blog por exemplo que espalha mentiras pode acabar sendo usado como resposta e acabar sendo difundido no meio universitário e até mesmo na sociedade”. Ela enfatiza a importância de os professores orientarem os alunos sobre

plágio e pesquisa acadêmica, a fim de utilizar a inteligência artificial de maneira responsável. “Só assim você vai conseguir usá-la ao nosso favor”, declarou a professora.

Bruna conclui afirmando que não deve haver uma proibição do ChatGPT nas universidades e que acredita que, com o tempo, superar as limitações e facilitar o processo de pesquisa e agilizando revisões, mas que no momento, ele só consegue transmitir conhecimentos rasos e muitas vezes sem um embasamento científico.

Denise Alessandra Defina, economista e professora do curso de Administração da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), concorda em vários aspectos com Bruna. Ela argumenta que a inteligência artificial oferece respostas prontas, o oposto do processo de pesquisa. O ChatGPT apresenta a resposta sem que se encontre o caminho que ele passou. É como dar um remédio a um paciente pelos sintomas sem descobrir a causa ou doença”, afirmou a docente.

Denise vê o risco de os alunos se tornarem dependentes dessa ferramenta para a produção de trabalhos acadêmicos e provas. “Vivemos em uma sociedade ansiosa por resultados rápidos e eficientes. Essa ferramenta pode trazer exatamente os resultados que os alunos esperam.”

Na visão de Denise, a proibição não é a solução e pode ter efeitos adversos, incentivando o uso da ferramenta de forma clandestina. “Vai criar uma perspectiva de por ser proibido, é melhor, especialmente aqui no Brasil”. Ela enfatiza que os robôs são programados por seres humanos, e cabe à sociedade aprender a utilizá-los da melhor maneira possível. “Somente nós sabemos qual a melhor maneira de usá-lo”, finaliza Denise.

## A VERSÃO DO CHATGPT

O ChatGPT respondeu que se trata de um tópico complexo e controverso, com argumentos a favor e contra sua utilização. “Não posso adotar uma posição definitiva, uma vez que sou uma inteligência artificial neutra”, explicou. Em seguida, a IA apresentou uma série de argumentos tanto a favor quanto contra o tema.

Quando questionado sobre a decisão do Departamento de Educação de proibi-lo nas escolas públicas da cidade de Nova Lorque, ele expressou certa relutância e ao mesmo tempo hipocrisia, abandonando sua neutralidade sugerindo que, em vez de um banimento completo, seria mais adequado regulamentar e orientar seu uso na educação, estabelecendo diretrizes claras para uma utilização responsável. Ele afirmou: “A combinação da inteligência artificial com a expertise dos professores pode ser uma abordagem mais eficaz para aproveitar ao máximo essa tecnologia na educação.”

Sobre a sua suposta neutralidade, o ChatGPT pediu desculpas. “Quando respondo as perguntas, minha intenção é fornecer informações ou gerar respostas com base em padrões linguísticos aprendidos durante o treinamento”. Ele reafirmou que não possui opiniões próprias, crenças ou emoções. “Qualquer resposta que possa ter parecido expressar uma opinião foi puramente um resultado do processamento de dados e não reflete uma posição pessoal”, finalizou a IA.



**KELVIN  
VENDITO**

*repórter*

# SE VIRANDO COM A MÚSICA

*O sucesso pode não vir da noite para o dia, mas, com tempo e esforço, é possível viver confortavelmente da música*



O Trompete é um dos instrumentos mais utilizados para tocar em casamento

A música é uma linguagem universal que transcende fronteiras e culturas. Além de sua capacidade de tocar corações, ela também pode ser um caminho para a sustentação financeira. Muitas vezes, pode não ser a primeira opção que vem à mente quando se projeta a carreira profissional, mas a educação musical está mudando essa perspectiva.

Andrenilson Lúcio é trompetista, além de professor de música em projetos em Jaboticabal e em outras cidades da região. “Eu creio que 99% da minha fonte de renda vem das aulas que ministro. A performance [casamentos, shows e eventos] fica para o final de semana, como um bônus para o meu orçamento, mas é pouco dinheiro. Para uma pessoa que consegue tocar em uma grande banda, reconhecida, é possível viver 100% a partir desse rendimento. No meu caso também é possível, mas como professor”, disse.

Lucas Bahia Ferreira, 34 anos, é graduado em licenciatura em música pela USP de Ribeirão Preto, graduado em pedagogia e pós-graduado em gestão escolar. Ele também é funcionário público da Prefeitura de Monte Alto com cargo de maestro de banda, e atual diretor da Escola de Arte Professor Francisco Berligieri Marino de Jaboticabal. Lucas complementa o depoimento do Andrenilson mencionando, além dos mercados citados anteriormente, a área de gravações. “Na grande maioria dos casos de pessoas que vivem da arte musical, podemos elencar três grandes áreas de fonte de renda: pedagógica, onde o músico se forma na área, para então lecionar em escolas técnicas, livres ou até mesmo nível superior. Performance, em que se refere à prática da música em apresentações, shows, eventos e demais situações correlatas, e a área de gravações, em que o músico se envolve desde as





Para Andrenilson, a educação musical pode proporcionar uma carreira estável

composições das músicas, gravação, edição e finalização dos projetos”, explica o músico.

A música não se resume apenas a ser um artista famoso. Além de se apresentar em palcos, você pode explorar a composição musical, produção, engenharia de som, ensino musical e a gestão de eventos. Cada uma dessas áreas tem o próprio potencial de rendimentos e, muitas delas permitem que o trabalho seja independente, sendo seu próprio patrão. Lucas Bahia começou bem cedo na música. “Aos 11 anos de idade, iniciei os estudos de violino. Com 18 obtive formação técnica em piano pela Escola de Arte de Jaboticabal e, no mesmo ano, ingressei no curso de Música da USP/RP. De lá para cá, realizei inúmeros eventos musicais, como apresentações na regência de orquestras, corais e a participação em variadas formações musicais como instrumentista. Com certeza, todo o processo vivido traz conhecimento para driblar as adversidades financeiras que essa carreira pode acarretar”, disse o músico.

A revolução digital mudou a forma como a música é consumida e distribuída. Plataformas de streaming, como Spotify, permitem que artistas independentes alcancem um público global. Isso significa que não se precisa de um

contrato com uma grande gravadora para ganhar dinheiro com a música. A independência na distribuição está ao alcance de todos. Bahia indica o estudo a quem gostaria de investir e seguir esse caminho. “Estudar cenários, estudar a empregabilidade em sua região, estudar o campo de atuação profissional para performances e afins. O básico de tudo é se preparar e saber para onde está direcionando o seu tempo e até mesmo investimento financeiro, pois equipamentos musicais como instrumentos, equipamentos de áudio, entre outros, não são baratos. Um bom planejamento e dedicação, assim como em qualquer área de atuação, o sucesso financeiro se torna alcançável, seja pelo caminho independente ou não”, completou sobre as adversidades da carreira musical.

Com os novos meios de trabalho, como a “pejotização” dos trabalhadores, por exemplo, o trompetista diz que esses funcionários podem correr riscos. “Eles não têm os benefícios que um funcionário CLT tem, como férias remuneradas, décimo terceiro, a certeza de que tocará em um lugar ou outro. Por isso, é bom que haja uma gestão financeira eficaz”, completa. É crucial garantir que haja recursos suficientes para cobrir as despesas essenciais da vida cotidiana, como moradia, alimentação e assistência médica. Ter

uma estratégia de gestão financeira sólida permite que o músico continue a perseguir a paixão, mesmo quando a renda da música ainda não é uma fonte estável de ganhos. “Creio que assim, como qualquer carreira, a gestão financeira é extremamente necessária, pois não se constrói nenhum patrimônio ou mesmo se mantém uma família (ou mesmo individualmente) sem gestão financeira resultante do seu trabalho. O músico recomenda se apoiar no que se chama de pagamentos fixos, mensalidades de alunos, pagamento de salário, prestação de serviço continuada e afins, e, de preferência, não envolver mais de 20% do orçamento com eventos, cachês e demais fontes variáveis. Receitas essas que são sujeitas a mudanças de datas ou até mesmo a cancelamentos, comprometendo assim, qualquer tipo de planejamento financeiro”, ressaltou o diretor da Escola de Artes de Jaboticabal.

A educação musical não apenas abre as portas para uma carreira apaixonante, mas também pode ser um caminho para uma vida financeira estável. Com as oportunidades disponíveis na indústria da música, fica mais acessível transformar sua paixão em uma carreira. “Invista em sua educação musical, explore as facetas da indústria e siga seu coração”, finaliza Andrenilson.



**KLÉBER  
FERNANDEES**

*repórter*



Chefe Beatriz Nomellini aproveita hortaliças da fazenda para preparar pratos

# A EDUCAÇÃO GASTRONÔMICA

*Juntos com as escolas e as instituições de gastronomia, chefes reconhecidos estão formando novos alunos, resgatando tradições culinárias e liderando a inovação gastronômica*





Chefe Estefânia e o aluno Alex compartilham receitas de doces

As instituições de culinária desempenham um papel essencial quando preparam uma geração de chefes hábeis, preservam as tradições culinárias e impulsionam a inovação gastronômica. O aprendizado nesta área vai além da simples preparação de alimentos e também proporciona novas experiências culinárias. A gastronomia, ao longo dos anos, deixou de ser apenas uma necessidade básica de alimentação para se tornar uma expressão artística e cultural. Com a globalização e a padronização dos alimentos, as escolas de culinária trabalham para resgatar e manter técnicas e receitas tradicionais que correm o risco de desaparecer. Isso não apenas enriquece a diversidade gastronômica, mas também ajuda a manter vivas as raízes culturais de diferentes regiões.

Para a chefe Estefânia Capote, foi de extrema importância preparar os alunos para o mercado de trabalho e não apenas para a gastronomia. “O mercado mudou muito e a gastronomia está em ascensão. Existem muitas oportunidades, porém elas não estão voltadas apenas para quem domina as técnicas, mas também para quem sabe trabalhar em equipe e prioriza o alto desempenho da cozinha”, enfatiza a chefe. As instituições de culinária também possuem uma influência significativa na inovação gastronômica.

Os chefes instrutores, muitas vezes, são líderes de pensamento criativo e desenvolvem novas abordagens para combinar ingredientes, técnicas e apresentações dos pratos. Isso inspira

os estudantes a explorar novas possibilidades e a desafiar as convenções, contribuindo para o avanço da culinária. A chefe Beatriz Nomellini explica como funciona a abordagem do processo de ensinar e capacitar os auxiliares ou estagiários. “Acredito que eles devem executar as funções da maneira mais próxima possível do que será a realidade, sem cortes por serem estagiários. Os chefes têm o desafio de desvincular alguns itens acadêmicos que não funcionam na prática. Essencialmente, o estagiário deve conhecer a função e também diversas áreas da cozinha”, comenta Beatriz.

#### PARCERIAS COM ESCOLAS

De acordo com a Federação Mundial das Associações de Chefs (Worldchefs), a demanda por cursos de culinária profissional aumentou muito nos últimos anos, refletindo a procura contínua por educação culinária formal. Além disso, o crescimento do turismo gastronômico evidencia a relevância da formação de profissionais capazes de atender às expectativas dos viajantes ávidos por experiências culturais únicas. A confeitaria é uma das áreas mais disputadas. Alex Castro, estudante de confeitaria, conta que, para ele, se especializar nessa área, fazer um bolo ou qualquer outro doce, parecia um “bicho de sete cabeças”. Segundo o estudante, na confeitaria tudo se torna muito preciso e as proporções corretas da receita devem ser seguidas para alcançar um bom resultado. “O que mais me atrai é usar dessa dificuldade e da admiração que tenho

pela confeitaria para aplicar no estilo de cozinha que acredito. Trata-se de uma área em constante renovação e aberta a muitas possibilidades e conceitos variados”, enfatiza o estudante.

Renato Munhoz, presidente da Abrasel Alta Mogiana (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes) destaca o reconhecimento da importância de facilitar o acesso dos estudantes às oportunidades de estágio. A Associação faz essa conexão e a parceria com escolas e universidades possibilita oferecer aos interessados informações sobre requisitos e o encaminhamento para as vagas nas empresas do setor. “Estamos disponíveis para todas as escolas e universidades que desejam formar parcerias”, destaca o presidente. Para um bom desempenho na gastronomia, a gestão de cozinha e trabalho em equipe são muito importantes.

De acordo com a chefe Estefânia, a gestão de cozinha envolve saber fazer e empregar, ter um bom controle de estoque, gerenciar o índice de desperdícios e realizar os remanejamentos adequados. Uma rotatividade eficaz, juntamente com um trabalho que envolva valores e preços adequados, também é fundamental. Para Estefânia, o trabalho em equipe depende do compartilhamento de informações. “Existem pessoas com bagagens culturais e formas de aprendizagem diferentes dentro de uma mesma cozinha, buscando a finalização de um produto incrível para o consumidor final, o que torna esse aspecto muito interessante”, completa a chefe.





**LUCIMARA  
SATURNINO**

*repórter*

# UMA NOVA PROFISSÃO

*A Gerontologia, uma profissão pouco conhecida, que surgiu há 20 anos no Brasil, apresenta boas perspectivas de empregabilidade devido à busca dos idosos pela longevidade com qualidade de vida*



Cuidadora Eliana Gonçalves  
fazendo exercícios com um idoso

Atualmente, há uma preocupação constante com relação às profissões que desaparecerão por estarem ligadas à inteligência artificial (IA). Em entrevista para a revista “Época Negócios”, Tom Pickersgill, fundador e CEO de uma empresa que utiliza essa ferramenta para recrutar candidatos a empregos no Reino Unido, a Broadstone, comentou que todas as profissões serão impactadas de alguma maneira pela (IA), mas algumas não serão substituídas pela tecnologia. Apesar do avanço tecnológico de forma contínua, várias profissões vão permanecer em razão da habilidade que deve ser essencialmente humana, como, por exemplo, os profissionais que cuidam das pessoas idosas. Esses profissionais precisam de inteligência emocional para lidar com o ser humano, empatia, conexão, mesmo se tratando de cuidado físico.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualizados em 2022, no prazo de dez anos, de 2012 a 2022, a razão de dependência de pessoas com 60 anos ou mais passou de 11,3% para 14,7% da população. Esse grupo saltou de 22,3 milhões para 31,2 milhões, crescendo 39,8% no período. A gerontologia, uma ciência que estuda os processos do envelhecimento, tem muito a ver com a realidade brasileira. O estudante do curso aprende sobre todas as etapas do envelhecimento natural do ser humano e como adaptar as mudanças na fase da vida em que esse idoso se encontra, visando à prevenção e à intervenção. O objetivo é fazer com que os idosos adquiram maior tranquilidade com relação ao aspecto físico, psicológico e biológico, promovendo a qualidade de vida. A professora Ligia Maria Corrêa Mito, 44 anos, é gerontóloga e dá curso para cuidador de idosos em uma escola profissionalizante. A profissional afirma que o mercado é bastante promissor e oferece demanda também na área acadêmica e de gestão. “Profissionais de medicina, psicólogos, fisioterapeutas, dentistas, assistentes sociais ou até mesmo de outras áreas que quiserem atuar na profissão devem fazer uma pós-graduação em gerontologia e se tornar um gerontologista”, diz a professora.



A gerontóloga Ligia Maria Mito faz uma demonstração prática dos cuidados que devem ser observados

Para se tornar um profissional em gerontologia é necessário fazer um curso de graduação ou de tecnólogo. O gerontólogo dá atendimento nos hospitais, organizações sociais, clínicas especializadas, órgãos de assistência social, centros de saúde, casas de apoio ao idoso ou em atendimento domiciliar. Também pode atuar junto com os assistentes sociais e geriatras para elaborar um planejamento individual de como estimular a parte cognitiva, motora, atividade física e dar orientação sobre boa alimentação. Maria Helena Nunes dos Santos, 47 anos, estudante em uma escola profissionalizante, faz o curso de cuidadora de idosos com uma professora gerontóloga. Decidiu ingressar na área após ter cuidado de uma senhora, sem a devida formação. Nessa experiência percebeu que o curso de cuidador de idosos a deixou mais segura para prestar os cuidados que eles necessitam. “Quem tem interesse na área, deve fazer o curso, pois deixará de cometer erros que passam despercebidos, mas que são de extrema importância”, avalia Maria Helena, acrescentando que amar a profissão é tão importante quanto buscar conhecimento e que é fundamental engajar os futuros profissionais na prestação de um serviço qualificado.

É dever do poder público, dos familiares e da sociedade garantir que o idoso tenha boas condições de vida e esteja integrado à sociedade, com liberdade e autonomia. Várias ações ajudam esse grupo de pessoas a alcançar esse objetivo. Eliana Gonçalves, 56 anos, trabalha com idosos há 20 anos, e a conclusão do curso de cuidador com profissional especializado mudou a forma como oferece seus serviços. “A família deve contratar um profissional que esteja preparado para atuar em situações de emergência. Não se trata somente de auxiliar os idosos em seus afazeres, mas ter alguém que possa atuar em uma situação em que o idoso está correndo risco de vida”, observa Eliana. Os cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação são oferecidos pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade de São Paulo (USP) e Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI). Algumas faculdades privadas também oferecem o curso que pode ser feito a distância (EaD). A média salarial nessa área pode ultrapassar os R\$ 5.000,00, dependendo do tempo de experiência, das especializações e do local de trabalho. O envelhecimento da população brasileira indica que o profissional dessa área terá boas perspectivas de trabalho nos próximos anos.



**MARIA  
REIS**

repórter

# REVOLUÇÃO DO APRENDIZADO

*Escolas estão testemunhando uma transformação no ensino que está trazendo novas perspectivas graças à introdução da tecnologia e à busca constante por inovação*

Uma pesquisa nacional realizada pela Fundação Lemann mostra algo surpreendente: 91% dos pais acreditam que a internet está tornando a escola mais atraente para seus filhos. Essa percepção positiva foi compartilhada também pelos professores, que veem na tecnologia uma aliada valiosa no processo educacional.

A integração da tecnologia nas escolas públicas se tornou uma realidade crescente e relevante nas escolas estaduais paulistas, com o currículo paulista articulando o uso dessas ferramentas em todos os componentes curriculares. Segundo a professora Fernanda Parra, que atua como PEC (Professor Especialista em Currículo) de Tecnologia Educacional na Diretoria de Ensino de Sertãozinho, os principais benefícios da tecnologia na educação pública, incluem tornar o aprendizado mais dinâmico e atualizado, além de desenvolver as competências digitais dos alunos. A tecnologia auxilia os alunos em suas atividades, proporcionando acesso a um vasto conteúdo de informações e estimulando a aprendizagem ativa e colaborativa. Fernanda enfatiza a importância de um planejamento pedagógico adequado para incorporar competentemente a tecnologia ao currículo escolar, também menciona diversas ferramentas tecnológicas usadas nas escolas públicas do Estado de São Paulo, como televisores, projetores, computadores, lousas digitais, impressoras 3D e plataformas educacionais.



Aluno com fio e bateria ligando um minimotor





Professora Larissa Marques com o robô desenvolvido em aula

Com a tecnologia sendo gradualmente incorporada nas escolas com o propósito de proporcionar aulas mais dinâmicas, interativas e alinhadas com a linguagem dos estudantes, a professora Larissa Maria Teiga Marques, que ministra aulas de tecnologia, português e inglês na Escola Dolores Martins de Castro, destaca que a tecnologia simplifica tarefas, proporciona entretenimento e facilita o processo de aprendizagem, aprimora a pesquisa, estimula a criatividade e a expressão dos alunos, graças a aplicativos educacionais, vídeos, quiz interativos e outros recursos que elevam o engajamento dos estudantes.

A perspectiva dos alunos em começar a utilizar a tecnologia na escola foi extremamente positiva. A substituição da lousa por dispositivos como televisores, computadores e tablets permitiu discussões mais profundas sobre os tópicos abordados em sala de aula. Sara Milena Lembi, estudante do terceiro ano do ensino médio, destaca que “estamos aprendendo muito mais com a tecnologia”. A professora apresenta novas ferramentas de maneira divertida e instrutiva. A aluna do sétimo ano do ensino fundamental, Mariana de Paula, realça como as tecnologias disponíveis na escola ajudam a compreender os

perigos da internet, como o cyberbullying, e incentivam a curiosidade dos alunos. Mariana também enfatiza a importância dos professores, que ensinam a utilizar aplicativos e alertam sobre os perigos on-line. Quanto ao equilíbrio entre tecnologia e métodos tradicionais, foi considerado que ambos têm seu lugar no processo educacional.

No entanto, a falta de recursos e a necessidade de formação contínua dos professores ainda são desafios a serem superados. Fernanda acredita que o futuro da tecnologia na educação pública envolve o preenchimento das lacunas estruturais e a transformação do processo pedagógico. Larissa também reconhece os desafios enfrentados pelas escolas públicas, como a infraestrutura limitada e a qualidade do Wi-Fi, mas enfatiza que muitos desses desafios estão sendo superados com a aquisição de tablets, notebooks e computadores. “Educar muitas vezes exige que os professores invistam recursos do próprio bolso para proporcionar uma educação de qualidade”, ela acrescenta. “No entanto, contamos com o apoio da direção da escola, que sempre busca adquirir os materiais necessários.” Quanto ao equilíbrio entre tecnologia e métodos tradicionais, Larissa enfatiza que a tecnologia capacita até mesmo os alunos mais tímidos, permitindo trabalhos em grupo e a expressão de opiniões.

A tecnologia tem um papel significativo na transformação da educação pública, tornando as aulas mais atrativas e envolventes, entretanto passa ser essencial superar os desafios, como a falta de recursos, para garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de se beneficiarem dessa revolução tecnológica na educação. Com o apoio contínuo dos educadores, pais e comunidade, o futuro da educação pública promete ser promissor, colocando os jovens no caminho do sucesso educacional. No futuro da tecnologia na educação pública, fica claro que seu uso adequado pode aprimorar o ensino, aumentar o envolvimento dos estudantes e melhorar a eficiência das aulas. Contudo, torna-se fundamental garantir que os educadores estejam devidamente preparados para utilizar essas ferramentas e que todos os alunos tenham igualdade de acesso aos recursos tecnológicos.



**MARIA VITORIA**

*repórter*



A morte continua sendo um tabu nas escolas

# O PAPEL DA ESCOLA E O LUTO INFANTIL

*Crianças que tiveram perdas de pessoas próximas não encontram na escola o apoio necessário para superar o luto*

A morte é um assunto sobre o qual poucas pessoas se sentem confortáveis para discutir e ainda é considerado um tabu. De modo geral, os diálogos sobre a morte acontecem em ambientes religiosos ou relacionados à área da saúde, e raramente são discutidos na educação, o que é inusitado, levando em consideração que as escolas são parte da arquitetura humana e são espaços de socialização, onde as crianças passam grande parte do seu tempo. Um estudo publicado na revista científica “The Lancet Child and Adolescent Health”, em fevereiro de 2022, mostrou que pelo menos 1,5 milhão de crianças em todo o mundo perderam pai, mãe, ou responsável devido à Covid-19.

Afinal, existe suporte escolar em processos de luto? Marcia Regina, mãe de três crianças que frequentavam o ensino fundamental quando perdeu o marido, relata que não teve apoio nenhum da escola pública em que os filhos estudavam em Ribeirão Preto. “Não lembro de ter tido apoio da escola. Tive apoio da creche onde eles ficavam. Se não fosse a creche, não sei o que seria de mim, porque fiquei viúva aos 20 anos de idade, com quatro crianças, uma mãe alcoólatra, um irmão adolescente, e também tinha acabado de perder meu pai, foi uma pancada muito forte. Acho que deveria ter nas escolas essa rede de apoio, psicólogos, pessoas para conversar, um acolhimento que às vezes falta, principalmente em escolas públicas, um acolhimento para as famílias e para as crianças, que são os mais afetados.”

À medida que a se inicia o processo de luto, a figura do professor assume um papel importante e de referência para a criança. A professora do primeiro ano do Ensino Fundamental I, Júlia Ogrizio Silva, que leciona em uma escola localizada na zona norte de Ribeirão Preto explica como a troca de experiências com os alunos pode ajudar. “Um aluno meu, infelizmente perdeu o pai por Covid-19 e ele não estava sabendo lidar com toda essa desestruturação, com datas comemorativas como o dia dos pais, e com a falta que o pai fazia para ele. Acabei trazendo-o para perto de mim para que ele pudesse falar o que ele estava sentindo. Conversei com ele e contei como eu passei por uma situação parecida com a perda da minha mãe. Foi algo bem próximo entre eu e o aluno. Foi uma troca de experiências excepcional.”

Apesar de ser uma questão recorrente nas escolas, muitos professores, diretores e coordenadores não se sentem aptos a auxiliar, se for preciso, os alunos. Além disso, muitos educadores não sentem que seja de sua responsabilidade conversar com os alunos sobre o luto porque acreditam ser uma obrigação da família.

A psicóloga Maria Laura Baldassari, especialista em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto, explica a importância de se ter um profissional inserido no ambiente escolar para auxiliar os alunos e também os professores. “Um psicólogo inserido no contexto escolar pode auxiliar tanto os professores, como no contexto da escola e até em uma orientação parental para lidar com o processo de luto. Muitas vezes, as crianças não têm espaço de fala, não podem se expressar e as dores que são silenciadas vão sendo expressas de outra forma. Talvez, essa orientação facilite o modo de compressão das crianças durante o processo de luto e até mesmo de toda a equipe ao em torno, facilitando essa ponte”, explica Maria Laura.

Ainda de acordo com a psicóloga, o papel tanto da escola, como dos professores e de toda a equipe, é perceber o quanto o comportamento dessa criança está se alterando, pensando no antes e no depois da perda. “Isso indica muito também de que forma esse fato aconteceu, se foi uma morte por adoecimento, uma morte repentina ou traumática. É importante notar esses fatores. Penso que se a escola não tiver alguém da saúde, como um psicólogo ou um assistente social, que a equipe escolar mesmo possa se aproximar e seguir com relação a compreensão sobre o processo do luto.”

### COMPREENDER ANTES DE ACONTECER

A professora Júlia acredita que o uso de apoio didático dentro da sala pode facilitar o entendimento das crianças sobre o assunto. “Acredito que seja uma ajuda muito lúdica para fazer com que a criança entenda aquele tema, afinal, no âmbito escolar, todos estão sujeitos a perda de algum familiar ou de algum amigo. Trabalhar textos e filmes que abordam esse tipo de assunto pode fazer com que as crianças lidem melhor com isso. As rodas de conversa têm um grande valor também em sala de aula, na maioria das vezes, a gente acaba descobrindo muitas



Maria Laura acredita que o acolhimento é função da escola

coisas através de conversas, então seria um assunto muito interessante a ser discutido.”

O tabu em volta desse tema se cria ainda na infância, quando a morte é escondida das crianças pelo medo dos adultos de que elas não consigam compreender. Para a psicóloga Maria Laura, seria o ideal se tivesse um espaço de educação para a morte. “A maior referência em educação para morte mundial é a Inglaterra, que aborda a finitude. Toda essa cultura que foi sendo inserida no país foi mudando o modo de compreensão das pessoas com relação à educação da morte. Não somente uma roda de conversa seria importante, como também alguma atividade, alguma intervenção pensando em algo que se refira ao assunto.”

Em relação aos acolhimentos que podem ser feitos pela escola, a psicóloga ressalta a importância da abertura para a escuta, para que essa criança possa falar, tirar todas as suas dúvidas e se sentir ouvida. “É necessário que elas sintam um acolhimento baseado na segurança para que possam se expressar, serem amparadas, acolhidas e abraçadas. Uma coisa é a gente dizer algo para essa criança, outra coisa é a gente se aproximar. As pessoas dizem tanto sobre a questão da empatia, de se colocar no lugar do outro, mas eu penso que a empatia é muito além disso. A gente realmente deveria se aproximar dessa criança e dessa família que está precisando de suporte e de orientação”, conclui a psicóloga.





Necessidade de trabalhar e problemas financeiros na família estão entre os motivos de alunos interromperem os estudos no ensino superior

# VAGAS EM QUEDA

*O baixo número de inscrições nos principais vestibulares levanta questões preocupantes sobre o futuro da educação*



**MATHEUS HENRIQUE**

*repórter*

A jornada de Pedro Cantisano começa cedo, às 7h30, quando passa pelos portões da escola onde estuda o 3º ano do ensino médio. O dia é longo, com saída apenas às 15h30, mas para Pedro, essa rotina se tornou um aliado na busca pelo sonho universitário. Para muitos, acordar cedo e passar o dia inteiro estudando pode parecer uma tarefa difícil e desgastante. Aos 17 anos, Pedro admite o cansaço, mas mantém firme sua motivação para ingressar em uma faculdade. Em meio a uma experiência escolar que descreve como “divertida e cheia de aprendizado”, ele se sente realizado em estar próximo de concluir o ensino e mantém os olhos fixos no objetivo: conquistar uma vaga na faculdade.

Uma realidade diferente para outros jovens no país, já que o Brasil enfrenta uma tendência alarmante: uma queda nas inscrições para os principais vestibulares. Nos últimos anos, esse declínio tem gerado questionamentos profundos sobre o estado da educação, com especialistas apontando para a crise econômica e a pandemia como fatores para a desmotivação dos estudantes. Isadora Germano Bueno Juliano faz parte do número de jovens que não se inscreveu em exames para ingressar no ensino superior logo após o ensino médio. Concluído há 4 anos, atualmente, aos 21 anos, trabalha como auxiliar de escritório. Chegou a iniciar um curso on-line de criminologia no segundo semestre do ano passado, mas resolveu dar um tempo por preferir o ensino presencial. Pedro, que já teve uma experiência com vestibulares, sabe o que precisa fazer novamente para ingressar na faculdade. “No passado, eu fiz para testar e saber como era. Achei cansativo, mas é o que precisamos fazer para tentar passar em uma universidade.”

Em 2023, os números de inscritos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) atingiram o terceiro patamar mais baixo desde 2005, com apenas 3,9 milhões de inscritos, em comparação com 3,4 milhões em 2022 e 3,1 milhões em 2021. Essa tendência não se limita ao Enem, até mesmo vestibulares tradicionais, como o da Universidade de São Paulo (USP), apresentam quedas significativas. Além disso, outros vestibulares paulistas também viram seus números diminuir. No ano passado, a Unicamp registrou o menor número de concorrentes desde 2012, com 61,2 mil inscritos, e a Unesp teve 67,5 mil. Segundo a docente e pesquisadora na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP- USP), Elaine Assolini, é perceptível essa diminuição, principalmente na área da educação. “De fato é possível constatar uma queda significativa no número de inscrições para vestibulares, sobretudo nos cursos de licenciatura, que são responsáveis pela formação de professores”. Para ela, a busca por uma carreira profissional rápida tem levado os jovens a não priorizarem a educação. “Na sociedade contemporânea, existe um imediatismo no sentido das pessoas desejarem se tornarem famosas, celebridades e ganharem muito dinheiro sem estudar e sem fazer um bom curso, com uma faculdade ou um curso técnico.”



Número de estudantes inscritos no Enem diminuiu nos últimos anos

Um estudo divulgado pelo Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) mostra que em 2023 apenas 53% dos brasileiros entre 16 e 24 anos estão matriculados em alguma instituição de ensino, sendo que 36% interromperam os estudos devido à necessidade de trabalhar e ajudar suas famílias financeiramente. Para Elaine, as dificuldades socioeconômicas podem ser uma barreira para o acesso ao ensino superior. “Ingressar em uma universidade pública não é fácil, porque tem o vestibular, a competição e a seleção. Os jovens das classes populares, pobres, marginalizados e excluídos têm mais dificuldades, porque muitas vezes não estudaram em escolas que lhes dão subsídios, ou seja, instrumentos, recursos e formação para que possam de fato entrar em uma boa universidade”. A pesquisadora ainda completa que a busca pela educação qualificada tem um longo caminho. “Estudar dá trabalho e é difícil. Construir conhecimento é complexo e a pessoa precisa de dedicação, suor e esforço”. Isadora lembra da formação no ensino médio. “A falta de professores e o despreparo das suas aulas dificultaram a preparação [nos vestibulares]. Além disso, a minha turma atrapalhava bastante.” Ela acredita que o seu aprendizado nesse

tempo, vai servir quando voltar a estudar. Um estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) revelou que cerca de 2 milhões de crianças e adolescentes não frequentam a escola no Brasil, sendo que 99% das desistências vêm do ensino público. Além disso, 21% dos jovens desistiram da escola por não conseguirem acompanhar as explicações dos professores e por acharem a escola desinteressante e pouco acolhedora.

Elaine afirma que o sistema educacional brasileiro apresenta problemas quando relacionados à alfabetização e ao letramento. “Eu diria que é um trabalho medíocre com a leitura, literatura e com a escrita na escola. Veja a diferença de alunos bem formados, que aprenderam a ler, escrever e, sobretudo, aprenderam a interpretar”. Ela destaca que o conhecimento diferencia o aluno na hora do vestibular, seja para o ensino público ou privado, como também para o mercado de trabalho. “A escola pública brasileira tem deixado muitas lacunas no ensino.” Com isso, vale o esforço dos estudantes para concorrer a uma vaga na faculdade. “Estou me preparando e focando muito nos estudos para tentar passar em uma universidade para ter um futuro brilhante”, afirma Isadora.





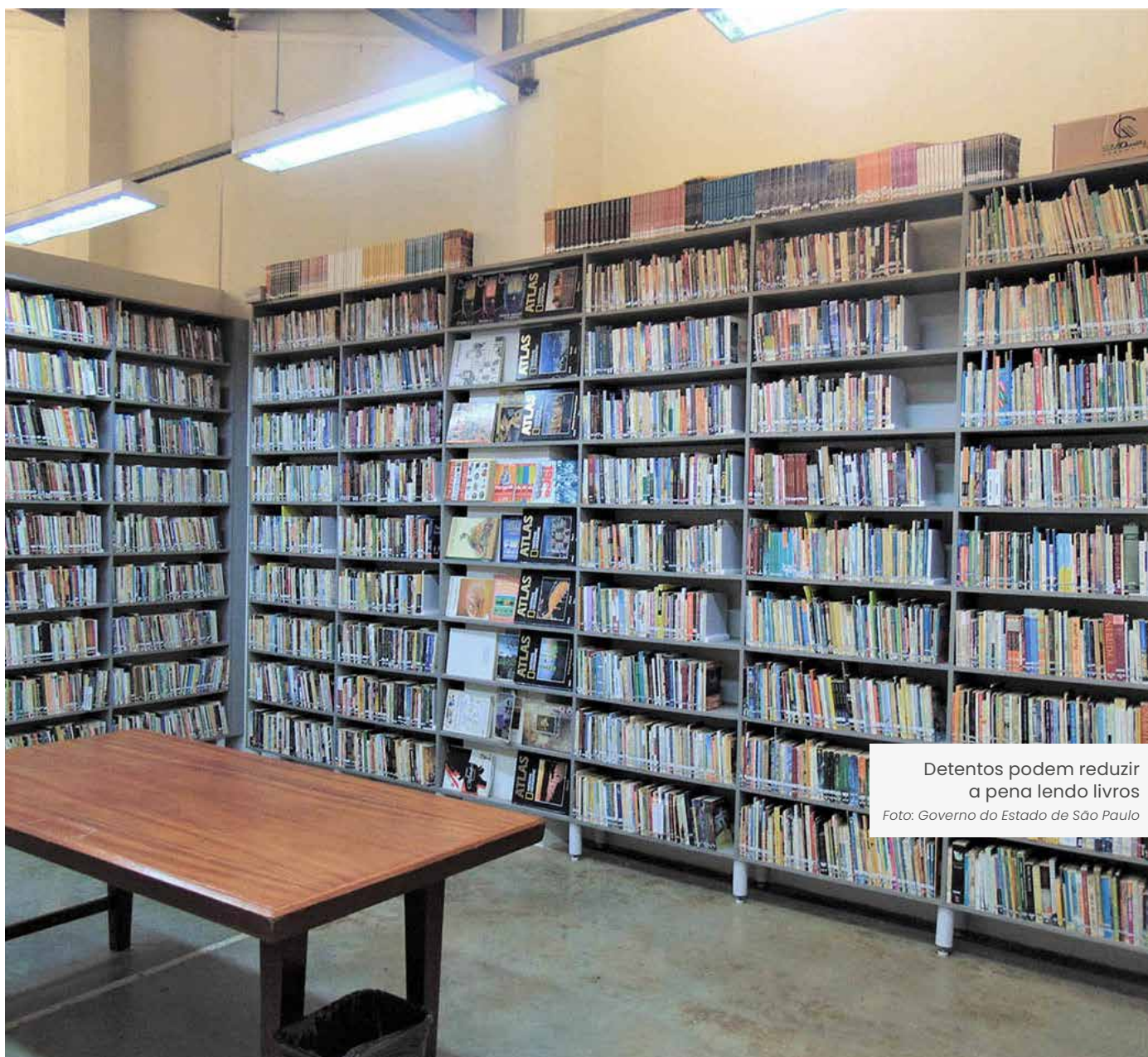
**SUSANNA**

**NAZAR**

*repórter*

# EDUCAR PARA TRANSFORMAR

*Projeto de leitura da Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel” (Funap), em parceria com o curso de Direito da Unaerp, reduz pena de detentos e ajuda no processo de ressocialização*



Detentos podem reduzir a pena lendo livros

Foto: Governo do Estado de São Paulo





Roselaine Pupin explica que os alunos acompanham o trabalho dos detentos



Para Scarpino, a leitura abre novas perspectivas

Ao se pensar em alguém que está em um sistema de cárcere, é comum que uma série de preconceitos venha a seguir. Isso porque as pessoas não acreditam em uma possível mudança. No entanto, seguindo o mesmo princípio do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, o caminho para a transformação partiria do educar. “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.” Com esse objetivo, nasceu o “Clube de Leitura em Estabelecimentos Prisionais”, um projeto de leitura, discussões e elaboração de resenhas de obras literárias que integra alunos e professores dos cursos de graduação e pós-graduação em Direito da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp). O projeto da Funap, em parceria com o curso de Direito da Unaerp, funciona desde 2018, com atendimentos em cinco unidades prisionais: P1 Serra Azul, P3 Serra Azul, Penitenciária feminina e masculina de Ribeirão Preto e o Centro de Progressão Penitenciária (CPP), em Jardinópolis. As visitas dos participantes são feitas, no início do semestre, três vezes ao mês, em todas as unidades, e os demais meses do ano, duas visitas por mês. As idas aos presídios constituem visita de mediação do livro e de produção de resenhas, incluindo a entrega do livro do mês seguinte.

De acordo com a professora responsável pelo desenvolvimento das atividades do projeto, Roselaine Pupin, são três modalidades de participação dos alunos da Universidade: mediador de oficinas, responsável pela dinâmica como os educandos; observador, participa presencialmente da dinâmica como expectador; e revisor, responsável pela verificação da conformidade do trabalho apresentado. “Aos alunos participantes

em cada uma das modalidades poderão ser atribuídas horas-atividade que servirão para integralização em atividades de extensão”, complementa a professora. Para o professor supervisor do Núcleo de Extensão do curso de Direito, Luiz Eugenio Scarpino, trata-se de um projeto inovador que está promovendo uma conexão única entre universitários e reeducandos em situação de cárcere. Ele explica que a ação se baseia na leitura de obras e na avaliação, de acordo com requisitos legais, que permite aos presos abater parte de suas penas. “A cada uma obra, menos quatro dias de pena. Este é um benefício direto e indireto, com o estímulo à leitura, vocabulário e reflexões”, declara. Além disso, o professor ressalta também que o projeto é um passo significativo e uma das possíveis medidas educativas para auxiliar na ressocialização dos detentos. “A leitura reduz a pena e pode dar uma abertura para novas perspectivas, mas ainda não temos dados empíricos para afirmar que diminui a reincidência. Acreditamos, por outro lado, que todo estímulo positivo possa servir como um bom exemplo”, expõe Scarpino.

Ainda na visão do professor, o projeto é altamente vantajoso para os universitários, pois os capacita a enfrentar desafios e a desenvolver uma sensibilidade maior para as adversidades, despertando um senso de humanismo na prática. “Um jurista precisa saber se comunicar, e este projeto estimula que os estudantes sejam protagonistas. Um acadêmico de direito amplia seu saber teórico e passa a viver as dores do outro, concretamente, com uma chance real de fazer a diferença. São realidades paralelas que se unem pelos livros e pela leitura”, conclui.

### PORTA PARA O CONHECIMENTO

A promoção da leitura, como afirma a professora universitária, mestre em Estudos Literários e doutoranda em Linguística e Semiótica, Tania Cosci, transcende a mera expertise literária, exigindo também um conhecimento profundo em educação. Segundo ela, o projeto de leitura no cárcere visa, principalmente, a ampliar a visão de mundo dos alunos e das pessoas encarceradas colocando-as em contato direto dentro do ambiente prisional. “O aluno descobre que o preso é um ser humano como ele, o preso percebe que a universidade pode ser lugar para ele também”, salienta. Além disso, para ela, a leitura é uma forma de transportar o detento para fora do ambiente em que está e promover discussões de temas a partir de um pensamento diferente daquela com que está acostumado. “A leitura, além de fomentar as discussões, também sensibiliza, pois, na maioria das vezes, leem obras literárias cujo recobrimento retórico pode ser bastante sofisticado, ou seja, eles entram em contato com a arte, oportunidade para se desconstruírem formas muito rígidas de pensamento”, pontua Tania. A aluna do curso de Direito da Unaerp e participante do projeto, Bianca Borges, têm a oportunidade de adquirir experiências a partir do projeto. Para ela, uma das lições mais marcantes é a compreensão de que o apoio à educação desempenha um papel fundamental no processo de ressocialização dos detentos. “Além da ressocialização, os detentos têm a oportunidade, por meio da participação da leitura, se enriquecerem intelectualmente, lendo bons livros e interagindo com questões da sociedade”, finaliza.



**VITÓRIA  
NOVENTA**  
*repórter*

# CONECTANDO SABERES

*No coração da transformação educacional, surge um modelo inovador que funde aprendizado teórico e prático. Essa abordagem promete revolucionar a formação da próxima geração de profissionais*



Aluno do curso técnico de informática da ETEC



No cenário educacional atual, o ensino médio Integrado ao técnico surge como uma promissora abordagem que prepara os estudantes para os desafios do mundo profissional. Ao unir a formação acadêmica ao aprendizado prático de habilidades técnicas, essa modalidade de ensino promove uma experiência completa e alinhada com as demandas do mercado de trabalho. O ensino médio foi tornado obrigatório em todo o Brasil a partir da promulgação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conhecida como LDB. Desde então vem passando por diversas mudanças, uma das mais recentes foi a modalidade de ensino que permite aos estudantes concluir o ensino médio com uma formação profissional, regulamentada pelo Decreto N°5154/2004. Atualmente, o Novotec oferece opções em tempo integral (M-Tec PI) e em um único período (M-Tec), em ambos a matriz curricular inclui componentes da Base Nacional Comum Curricular e componentes voltados à formação técnica e profissional. Assim, ao completar as três séries, além de ter concluído o ensino médio, o aluno obterá o diploma de técnico, que dará o direito de exercer a habilitação profissional e de prosseguir os estudos no nível da educação superior.

De acordo com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP), atualmente, há 32,7 mil estudantes cursando ensino técnico como parte do ensino médio, na 2ª e 3ª série, sendo 20 mil apenas na segunda série. Este número tende só a aumentar, já que, segundo a Seduc-SP, 57% dos estudantes da 1ª série do ensino médio manifestaram interesse em fazer um curso técnico como seu itinerário formativo. Além disso, o ensino técnico será oferecido em cerca de 1.200 escolas, o dobro do número de 684 escolas que oferecem pelo menos um curso técnico em 2023. Os resultados desse modelo inovador são impressionantes. Os estudantes que participam do programa têm a oportunidade de desenvolver habilidades práticas desde cedo, se preparando para a vida profissional.

De acordo com a docente do Centro Paula Souza, Viviana Zanella, o ensino médio tradicional prepara o aluno para vestibulares, mas não para o mercado de trabalho. A realidade dos alunos



Laboratório do curso de mecânica da ETEC de Batatais

é diversificada, muitos não conseguem continuar os estudos se não tiverem renda financeira para auxiliar, sendo assim o integrado auxilia bastante. “O ensino médio integrado ao técnico me preparou para a faculdade e para o mercado de trabalho através das atividades práticas que fazíamos. Também tínhamos dicas dos professores que já trabalhavam na área, assim como relatos de suas vivências da faculdade e do trabalho no mercado”, diz o estudante, Ítalo Covas. Este modelo de ensino também possibilita que o aluno desenvolva habilidades que não são vinculadas apenas a ocupações específicas, o que resulta em flexibilidade a adaptação, ou seja, possibilita a capacidade de lidar com pessoas e solucionar problemas do mercado de trabalho. Isso é resultado da aplicabilidade nos componentes práticos que são desenvolvidos. Segundo Ítalo, ele teve que aprender a ter disciplina e a gerir seu tempo, pois as aulas eram integrais e ele realizava atividades extracurriculares na época. “Isso me preparou para o futuro, agora preciso gerir meu tempo 10 vezes mais e se eu não tivesse passado por essa experiência eu teria muito mais dificuldade”, completa o estudante.

#### DIFICULDADES

Apesar dos avanços, uma série de desafios se impõem a esta modalidade de ensino. Para a professora de inglês Maria Aparecida, um dos principais desafios é a nova grade curricular imposta na reforma do ensino médio, onde foi reduzida a carga horária de disciplinas importantes, tanto da base nacional comum

quanto da parte técnica, tendo o MTec sofrido uma redução mais ampla, prejudicando assim os alunos que decidirem prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou o vestibular após se formarem. Já para Viviana, um dos principais desafios é na colaboração entre os professores de cursos técnicos e os professores de matérias acadêmicas. “Ainda tem uma barreira entre os profissionais para a aplicabilidade, principalmente porque não querem mudar a metodologia que utilizam, não aceitam o desafio dessa integração. Alcançamos resultados muito bons quando esse processo ocorre, mas acredito que ainda temos um longo caminho a percorrer, mudar é um processo difícil para o ser humano”, avalia Maria Aparecida. Apesar dos desafios enfrentados, o ensino técnico integrado ao médio continua sendo uma importante ferramenta para a formação profissional dos jovens brasileiros. “Se você tem um perfil curioso, gosta de explorar e de estudar, ou se até mesmo quer achar uma área para seguir, eu recomendo seguir neste modelo de ensino. Além das aulas práticas, você conhece muita gente que pode te ajudar e tem objetivos em comum, formando uma rede de contatos ótima na sua área pretendida”, observa o estudante Ítalo Covas. Superar os desafios que permeiam essa modalidade é um compromisso conjunto de governantes, educadores e o setor produtivo. Com investimento, planejamento estratégico e a participação ativa dos envolvidos, é possível construir um sistema de ensino técnico integrado ao médio transformador e alinhado com as necessidades atuais.



### EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA



**LUCIMARA  
SATURNINO**

A maioria concorda que a educação é transformadora, como disse o educador e também filósofo Paulo Freire: “a educação transforma pessoas e as pessoas transformam o mundo”. É o que acontece de forma mais acelerada atualmente. Com o avanço tecnológico, os indivíduos se sentem pressionados a mudar de comportamento para se manterem atualizadas.

A educação com o seu poder, capacidade de inovação, que perpassa gerações, é protagonista na evolução científica, tecnológica e pessoal. Pena que ela não seja acessível a todos. O motivo é publicamente conhecido. As pessoas transformadas pela educação se preocupam com isso ou pelo ao menos deveriam. A evolução deve acontecer inclusive nesse cenário, mas precisa se descobrir como, de que forma mudar essa longa e triste realidade de forma definitiva.

A acessibilidade à educação passa a ser primordial em um mundo em constantes avanços principalmente tecnológicos. Pessoas que não souberem ler, escrever corretamente, interpretar um texto não encontrarão trabalho e até mesmo emprego. Em um planeta em que se fala em Chat GPT, robôs e novas profissões surgindo, a exclusão na área educacional se torna inaceitável.

Toda a sociedade perde e muito em não estar engajada na transformação da realidade em que se encontram as pessoas que estão sem acesso à educação. Jovens, que ao término do ensino médio deveriam estar se preparando para o vestibular, preferem ingressar direto no mercado de trabalho a cursar uma faculdade, não por vontade própria, mas simplesmente por imposição econômica.

As pessoas com deficiência física e/ou neurológica e pretas, estão em maior número na população de excluídos. Não tem espaço para expor os talentos naturais e os conhecimentos adquiridos. A acolhida psicológica para crianças, jovens e adultos, durante o período em que estão se dedicando à aprendizagem, deve ser um requisito essencial, já que é inerente aos seres humanos passar por problemas pessoais como luto, crise existencial, enfermidades própria ou de familiares, que acabam por tirar o foco dos estudos. A formação continuada dos professores é muito importante, pois aprofunda os conhecimentos e promove a inclusão de crianças, jovens e adultos.

### REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA



**MARIA ROSA  
REIS**

Atualmente, as escolas estão testemunhando uma revolução silenciosa e poderosa nas salas de aula. Uma revolução que não envolve barricadas, mas sim a entrada sorrateira da tecnologia e inovação em nossas vidas educacionais. A “Revolução do Aprendizado” está em curso, e seus efeitos são profundamente positivos. A pesquisa nacional realizada pela Fundação Lemann revelou um dado surpreendente: 91% dos pais acreditam que a internet está tornando a escola mais atraente para seus filhos. Essa percepção não é restrita aos pais; os professores também enxergam a tecnologia como uma aliada valiosa no processo educacional.

Nas escolas públicas do Estado de São Paulo, a tecnologia está sendo gradualmente integrada ao currículo, tornando o aprendizado mais dinâmico e atualizado. A professora Fernanda Parra, especialista em tecnologia educacional, destaca os benefícios dessa integração, que incluem o desenvolvimento das competências digitais dos alunos. A tecnologia não é mais apenas um complemento, mas sim um alicerce para a aprendizagem ativa e colaborativa. A perspectiva dos alunos diante dessa revolução é extremamente positiva. A substituição de lousas por dispositivos como computadores e tablets permitiu discussões mais profundas e envolventes em sala de aula. Os alunos estão aprendendo de maneira mais divertida e instrutiva, graças a aplicativos educacionais, vídeos interativos e outras ferramentas que elevam o engajamento.

Entretanto, os desafios persistem. A falta de recursos e a necessidade de formação contínua dos professores são obstáculos a serem superados. A professora Larissa Maria Teiga Marques reconhece as dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas, incluindo infraestrutura limitada e qualidade da internet, mas destaca os esforços para superar esses desafios. A tecnologia está desempenhando um papel vital na transformação da educação pública, tornando as aulas mais atrativas e envolventes. No entanto, é crucial superar as barreiras, como a falta de recursos, para garantir que todos os alunos possam se beneficiar dessa revolução tecnológica na educação. Com o apoio contínuo dos educadores, pais e comunidade, podemos moldar um futuro educacional vibrante e promissor, onde a tecnologia é uma aliada na busca pelo sucesso dos nossos jovens. A revolução do aprendizado está em marcha, e devemos assegurar que ninguém seja deixado para trás.



universidade  
**unaerp** INFINITOS  
MOTIVOS

**JORNALISMO  
UNAERP**

**O melhor e mais completo  
de toda a região**

Uma das melhores estruturas do país oferece infinitas possibilidades para uma formação completa, preparando os alunos para diversas áreas de atuação. Excelência comprovada por capacitar profissionais para atuar nos principais centros do país. Os projetos práticos são definidos em total sintonia com os conteúdos teóricos, com proposta pedagógica atual, alinhada às exigências de mercado.



Laboratórios experimentais  
Redação, Rádio, TV, Fotografia.



50 anos de tradição,  
Qualidade e inovação.



Comunicação digital  
Internet, Rádio e TV.

Acesse e conheça  
produções de alunos  
do Jornalismo  
UNAERP:



Consulte aqui  
o cadastro  
de Instituição  
no Sistema  
e-MEC



**5** UNAERP  
CONCEITO  
MÁXIMO  
NO MEC  
\*Recredenciamento MEC 2023



Prof.ª

# universidade **unaerp** INFINITOS MOTIVOS



## PROCESSO SELETIVO SEMESTRAL

**CURSOS DE GRADUAÇÃO**

SAÚDE | EXATAS | HUMANAS

● CAMPUS RIBEIRÃO PRETO

0800 7718388

f/universidadeunaerp

● CAMPUS GUARUJÁ

0800 7737760

f/unaerpcampusguaruja

Saiba mais

